Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 17.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 761 / € 1,50 / Diretor **Filipe Alves** Diretores Adjuntos **Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino**

Berlim1936
A medalha portuguesa e a história do autógrafo de Hitler e da assinatura de Owens PÁG. 23

Estados Unidos
Serviço Secreto está debaixo de fogo após tentativas de assassínio de Trump PÁGS. 16-17

Música
Sabrina Carpenter e a nova geração da *pop* têm uma arma secreta: Amy Allen PÁGS. 24-25

Greves de médicos e enfermeiros nos mesmos dias arriscam fechar serviços

Nos últimos dois dias vários acontecimentos assinalaram mais um aniversário do SNS. Os discursos recordaram os benefícios que trouxe, mas não esqueceram a "crise" que vive. E, pela primeira vez, médicos e enfermeiros marcam greves nacionais que coincidem, nos dias 24 e 25 de setembro.

PÁGS. 10-11

JOÃO FERREIRA

VEREADOR DA CDU EM LISBOA

"O PS viabilizou todos os Orçamentos de Carlos Moedas sem impor condições"

ENTREVISTA NAS PÁGS. 6-7

Madeira
PSD acusado de tentar mudar mapa eleitoral para recuperar maioria
PÁG. 9

Previsão
TAP deverá superar os números de passageiros pré-pandemia apenas em 2026
PÁG. 12

MARIA JOÃO GALA

FOGOS FLORESTAIS
País a arder: Estado de Alerta prolongado até quinta-feira. Comunidades rurais devem ter planos de prevenção, diz investigador. Veja o mapa dos incêndios.
PÁGS. 4-5

MOSSUL A VIDA NOTURNA AGORA IMPERA NO ANTIGO BASTIÃO DO ESTADO ISLÂMICO NO IRAQUE PÁGS. 18-19

Editorial

Filipe Alves
Director do Diário de Notícias

Por uma gestão racional das nossas florestas

O cenário repete-se todos os anos. Com as temperaturas elevadas, chegam os fogos florestais, que ceifam vidas e destroem propriedades e ecossistemas. Este ano não foi exceção, apesar de o flagelo apenas ter chegado em força em pleno mês de setembro. E, também todos os anos, sucedem-se os planos de prevenção, os diagnósticos e o debate sobre a forma como os fogos devem ser combatidos.

É bom notar que Portugal não é o único país onde os fogos florestais se estão a tornar um problema cada vez mais sério. Países como a Espanha, a Itália, a Grécia e a França têm assistido a um fenómeno idêntico. E o que têm em comum com Portugal? Têm vastas áreas florestais que não são objeto de exploração económica, o que faz com que, durante anos, ali se acumulem muitas toneladas de materiais inflamáveis, que cedo ou tarde se tornam pasto das chamas e assim ciclicamente.

Em Portugal, durante séculos as florestas foram imprescindíveis para a subsistência das populações, que ali obtinham materiais de que necessitavam para uso doméstico ou para a pecuária. As matas, sobretudo nas imediações das localidades, eram limpas porque as pessoas precisavam de o fazer para sobreviver. Porém, hoje não existem incentivos para que se faça essa limpeza, com exceção das coimas que eventualmente possam ser aplicadas a quem não limpar as suas.

O facto de uma boa parte do território ser composto por muitos milhares de minifúndios sem viabilidade económica dificulta ainda mais essa gestão dos recursos florestais, bem como a desertificação das zonas rurais do interior, que se tornou evidente a partir dos Anos 60 do século passado. Em suma, uma boa parte do nosso território poderia ser comparado a um vasto imóvel devoluto que, deixado ao abandono e perante certas condições climatéricas, se tornará presa fácil das chamas.

O mesmo sucede em países como os Estados Unidos, a Austrália, o Canadá e a Rússia, que têm grandes manchas de floresta ainda quase intocada pelos seres humanos e onde nunca ocorreu essa limpeza das matas, e que têm também assistido a um aumento do número de incêndios. Nestas regiões do globo, os fogos sempre foram parte da ordem natural das coisas, desempenhando um papel na renovação das florestas, de x em x anos. Porém, hoje são mais frequentes e os cientistas explicam-nos com as alterações climáticas, que geram ondas de calor e períodos de seca que favorem a ignição.

Precisamos de uma estratégia nacional para uma gestão racional das florestas, revendo a estrutura de propriedade e as espécies de vegetação existentes no nosso país. Em suma, um vespeiro onde poucos políticos quererão entrar. Haverá coragem para tomar as medidas necessárias?

Perante isto, Portugal não tem à disposição uma receita ideal para enfrentar o flagelo. Podemos, no entanto, minorar os seus efeitos. A prevenção é importante, sobretudo nas imediações das povoações, mas as florestas estão repletas de materiais inflamáveis e as alterações climáticas vão continuar. Parte da solução poderia passar por uma estratégia para uma gestão racional das florestas, por exemplo aproveitando a biomassa ali acumulada para produzir energia, até porque Portugal não é a Austrália e as suas florestas são mais fáceis de gerir. Precisamos também de avaliar se as espécies de vegetação existentes são as mais indicadas para esta nova realidade e, se necessário, rever a estrutura de propriedade da nossa floresta, uma vez que temos centenas de milhares de pequenas propriedades abandonadas.

Em suma, este é um vespeiro onde poucos políticos quererão entrar. Haverá coragem para tomar as medidas necessárias?

OS NÚMEROS DO DIA

5000

OPERACIONAIS
Ou perto disso, estiveram ontem no terreno a combater os mais de 120 incêndios ativos em Portugal Continental, dos quais resultaram pelo menos duas vítimas mortais.

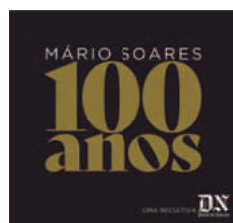
513 000

PEDIDOS DE ASILO
A União Europeia (UE) recebeu 513 000 pedidos de proteção internacional até ao final de junho de 2024, com uma percentagem de aprovação inicial de 46%. A população síria foi a que mais pedidos de asilo fez: 71 000, um aumento de 7% face ao período homólogo de 2023.

4,7 **POR CENTO**

Os custos horários do trabalho aumentaram 4,7% na Zona Euro e 5,2% na União Europeia no 2.º trimestre de 2024, segundo o Eurostat.

70 **ANOS**

O guitarrista Tito Jackson, um dos membros da banda The Jackson 5, a primeira do *rei da pop* Michael Jackson, morreu aos 70 anos. Tito foi o terceiro de 10 filhos da família Jackson e formou com os seus irmãos Jackie, Jermaine, Marlon e Michael (falecido em 2009) o famoso grupo.

17.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

UM MUNDO EM MOVIMENTO TRANSFORMAR A MOBILIDADE PARA UM FUTURO MAIS VERDE

As nossas cidades estão a mudar e a forma como nos movemos nos ecossistemas urbanos é uma parte decisiva dessa transformação. Junte-se ao maior evento de mobilidade em Portugal e venha descobrir esse caminho de mudança positiva, rumo a um futuro mais elétrico e sustentável, mais conectado e mais autónomo, mas também mais seguro e inclusivo.

No próximo **dia 20**, no **Passeio Marítimo de Algés**, juntamos em palco decisores políticos, especialistas e criadores de inovação e mudança. Conheça mais sobre o **Portugal Mobi Summit em dn.pt**

Junte-se a nós, inscreva-se já, gratuitamente.

FOGOS

Comunidades rurais devem ter planos de prevenção, defende investigador

SIMULTÂNEOS Os vários focos de incêndio desde domingo já destruíram habitações, cortaram estradas e obrigaram pelo menos 70 moradores a serem retirados de casa. Há também dois mortos, um bombeiro e um trabalhador de 28 anos que morreu carbonizado.

Pelo menos 70 moradores foram retirados de casa.

TEXTO **AMANDA LIMA** FOTOS **MARIA JOÃO GALA**

Os focos simultâneos de incêndio registados desde domingo trazem à tona a memória de outubro de 2017, quando 51 pessoas morreram vítimas de um enorme fogo que atingia mais de 500 localidades ao mesmo tempo. Mas, o que se aprendeu com esta tragédia, sete anos depois e novamente com vários focos de incêndio ao mesmo tempo no país (sobretudo no distrito de Aveiro, mas também no do Porto), já com dois mortos a lamentar, pessoas feridas, moradores deslocados e várias estradas cortadas?

Para o investigador Miguel Almida, da Universidade de Coimbra (UC), houve lições retiradas daquele ano, mas há ainda caminho a fazer. "Desde 2017 temos vindo a fazer um esforço muito maior na prevenção, e considero que continuamos assim numa tendência crescente, mas penso, contudo, que os cidadãos e o estado podem fazer mais", diz ao DN. Já o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, António Nunes, afirma que "pelos vistos", não se aprendeu muito com o passado recente. "Há umas lições dadas, mas há uma distância muito grande entre saber o que é que se passou e aquilo que é possível fazer do ponto de vista da modernização técnica. Este talvez tenha sido o problema", avalia. Ao DN, Nunes cita a necessidade de "modernização tecnológica, gestão de meios, sistema de comando e controlo dos bombeiros e nova organização de fomento aos meios municipais", além de defender a "descentralização do poder de decisão e não a concentração da decisão".

A análise do presidente, baseada no trabalho no terreno e no conhecimento técnico, vai ao encontro da visão do investigador, que, inclusive, acaba de lançar um livro técnico intitulado *A Gestão do Risco de Incêndio Rural*. Ambos concordam que a descentralização e atenção às populações rurais devem ser levadas em conta. "As comunidades estão muito pouco preparadas para este tipo de catástrofe, pouquíssimas têm um plano familiar de proteção,algo que todas as comunidades precisam", analisa Miguel Almeida. No terreno, quem está a viver na pele o problema também sente as dificuldades da atual abordagem de combate aos incêndios. A situação é "muito dificultada" pela "estrutura de comando muito difusa", destaca ao DN José Ribau Alves, presidente da Câmara Municipal de Aveiro. "Não podemos andar sempre num passa-culpas, é preciso uma abordagem nacional e diferente. Não precisamos de mais leis, mas sim de autoridade para atuar em situações como esta. Não faz grande sentido precisarmos intervir em terrenos e não termos autorização para entrar nesses locais para retirar pessoas", complementa. Apesar de ter sido aciona-

MARIA JOÃO GALA

Situação de Albergaria--A-Velha é uma das mais complicadas no terreno.

-CONTA X DO GABINETE DO PRIMEIRO-MINISTRO

do o plano municipal, o autarca diz que não havia mais helicópteros para combater as chamas, porque um "estava avariado".

Mais de 5 mil operacionais

Os incêndios que mais preocupam as autoridades são os que estão a deflagrar entre a Área Metropolitana do Porto e a Região de Aveiro, em Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azeméis e Sever do Vouga, afirmou o Comandante Nacional da Proteção Civil, André Fernandes, em conferência de imprensa na noite de ontem. A área ardida pode chegar a 30 mil hectares. Estão mobilizados mais de 5 mil operacionais no total e Portugal conta com apoio da União Europeia através do Mecanismo Europeu de Proteção Civil. Oito aviões Canadairs foram disponibilizados, sendo que dois já estão no país e realizaram 20 descargas de água ontem. Os demais devem chegar ao território esta terça-feira durante a tarde.

Em Albergaria-a-Velha pelo menos 70 pessoas foram retiradas de casa e as aulas foram suspensas. Também nessa localidade uma pessoa morreu carbonizada, sendo um trabalhador brasileiro de 28 anos que não conseguiu fugir das chamas a tempo enquanto tentava recuperar máquinas na zona de incêndio. A outra vítima fatal foi um bombeiro que sofreu um ataque cardíaco.

amanda.lima@dn.pt

OUTROS DADOS

DGS RECOMENDA
A Direção-Geral de Saúde (DGS) alerta para a necessidade de evitar exposição ao fumo, manter portas e janelas fechadas. A população deve também evitar o uso de fontes de combustão dentro de casa, como aparelhos a gás ou lenha, tabaco, velas, incenso, entre outros. É importante igualmente manter-se hidratado, fresco e informado.

USO DE MÁSCARA
Se a exposição ao fumo for inevitável, é necessário usar máscara ou respirador N-95. Em caso de inalação de fumos, a primeira medida deve ser retirar a pessoa do local para sair da exposição e do calor. Os sinais de alarme são a presença de queimaduras faciais, sinais de dificuldade respiratória e alteração do estado de consciência. Há ainda o alerta para o "mito do leite". De acordo com a DGS, não existem artigos científicos que comprovem a utilidade do leite como um antídoto para o monóxido de carbono. Mais informações podem ser obtidas na linha SNS24: 808 24 24 24 e em caso de emergências deve ser acionado o 112.

TEMPERATURAS
De acordo com a previsão do Instituto do Mar e da Atmosfera (IPMA), o número de localidades com risco máximo de incêndios diminui nesta terça-feira. As temperaturas começam a baixar já hoje, mas é na quarta-feira que se espera um real desagravamento da situação de risco de incêndios.

Governo prolonga alerta e junta vários ministérios para tratar de apoio "urgente"

REAÇÃO Primeiro-ministro e Presidente falaram ao país em conjunto. Ambos cancelaram as respetivas agendas.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Inicialmente ativado até às 23.59 horas de hoje, o estado de alerta devido aos incêndios vai ser estendido até quinta-feira. O anúncio foi por Luís Montenegro, primeiro-ministro, na sede operacional da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

Falando ao lado do Presidente da República, o primeiro-ministro expressou "solidariedade" para com as vítimas dos incêndios e anunciou ainda que, além de cancelar a sua agenda, o Governo criou uma "equipa multidisciplinar", constituída por vários ministérios, desde a Saúde à Coesão Territorial, para poder "estar em diálogo direto" e tratar do "apoio mais urgente e necessário" para as populações afetadas nos concelhos mais fustigados pelas chamas.

Além disso, disse o chefe do Governo, "as próximas horas [até quinta-feira] serão muito difíceis". Como tal, deixou um pedido: "A população deve respeitar aquelas que são as indicações das autoridades, que muitas vezes vão contra os instintos mais diretos, mas que é pelo bem de todos. Temos de nos juntar para combater o inimigo comum que é o fogo."

Marcelo Rebelo de Sousa, por sua vez, revelou ter cancelado uma "deslocação que tinha a Espanha" e que não vai "mais perto" do teatro de operações "para respeitar os operacionais" – algo que já tinha defendido aquando dos incêndios na Madeira, no mês passado.

Deixando um "agradecimento à União Europeia" pela forma como respondeu ao pedido de ajuda ao país, o Presidente da República destacou ainda "que o número de ocorrências subiu a pique, e isso obriga a um esforço imenso. Até porque estes não são incêndios na faixa florestal clássica, mas sim muito perto de zonas povoadas e da faixa urbana". Tanto Marcelo Rebelo de Sousa como Luís Montenegro deixaram ainda uma palavra às famílias das vítimas mortais (*ver texto principal*).

Líderes políticos expressam solidariedade

Depois de ter estado em contacto com o Governo, Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, garantiu que "apoia Portugal na luta contra os grandes incêndios florestais". Já Roberta Metsola, presidente do Parlamento Europeu, expressou solidariedade e anunciou um debate para avaliar a "prontidão de assistência" dentro da União.

Por cá, Pedro Nuno Santos, líder do PS, enviou "uma mensagem de força" a todos os bombeiros e manifestou a sua "solidariedade para com as populações afetadas pelos incêndios que assolam o país". André Ventura, do Chega, destacou a "devastação provocada pelos incêndios" e enviou condolências às famílias das vítimas.

Já Rui Rocha, da IL, falou em "momentos de enorme preocupação" e pediu que se concentrem os "esforços no apoio às operações de combate". Mariana Mortágua, líder do BE, disse acompanhar a situação "com muita preocupação" e expressou a sua solidariedade. Rui Tavares, do Livre, deixou uma mensagem no X (antigo Twitter), em que agradeceu aos bombeiros e expressou "muita preocupação" com os fogos. O PCP, por sua vez, pediu "a mobilização de meios técnicos e financeiros para fazer face a estes impactos e prejuízos".

O CDS deixou uma mensagem de apoio aos operacionais "num cenário de enorme risco", estando Nuno Melo (ministro da Defesa) a acompanhar com "grande atenção" os fogos. Já a porta-voz e deputada do PAN, Inês Sousa Real, destacou a "devastação que estes incêndios trazem" e criticou as palavras de Eduardo Oliveira e Sousa, deputado do PSD, quando, enquanto presidente da Confederação dos Agricultores Portugueses, disse não haver fundamento em relacionar o eucaliptal e o drama dos incêndios no país.

João Ferreira
"O PS viabilizou todos os Orçamentos de Carlos Moedas em Lisboa sem impor condições"

AUTÁRQUICAS O vereador do PCP na Câmara de Lisboa, confrontado com a possibilidade de uma *geringonça* municipal de Esquerda, diz que não se pode fazer um "branqueamento de responsabilidades" do PS naquilo que é, e foi, a gestão autárquica. Para o dirigente da CDU não "importa substituir Moedas", mas sim promover uma gestão "progressista" na cidade.

ENTREVISTA **ISABEL LARANJO**

A primeira questão, que me parece das mais prementes em Lisboa, é a da habitação. Sobretudo a municipal, encontra-se muito degradada.
A representação da CDU no Executivo Municipal tem tido, ao longo destes anos, permanentemente uma preocupação de ser de oposição crítica, atuante e sempre construtiva, não apenas de denunciar aquilo que são os grandes problemas da cidade. A câmara municipal é o maior proprietário da cidade. Mais de 65 mil pessoas são inquilinas da câmara. E, portanto, temos tentado não apenas fazer a denúncia daquilo que está mal, mas também contrapor, à ação da atual gestão, medidas que, do nosso ponto de vista, podem responder à situação difícil em que nos encontramos. Foi com esse intuito que, já neste mandato, apresentámos, por exemplo, propostas no sentido de aprofundar a concretização do PACA, que é o *Programa Municipal para Arrendamento a Custos Acessíveis*. Foi um programa criado em 2018 por iniciativa da CDU e que prevê mobilizar todo o património habitacional municipal disperso, reabilitá-lo e disponibilizá-lo para arrendamento a custos acessíveis.

A mobilidade é outra questão em Lisboa. A Carris, que é uma empresa municipal, tem carreiras longas e grandes tempos de espera. A mobilidade é muito difícil nas zonas onde não há transporte ferroviário, metro ou comboio.
Há cinco critérios fundamentais para aferir a qualidade do transporte público. A rapidez, a segurança, a comodidade, a frequência e o preço. Nós tivemos uma evolução importante numa dessas componentes, que é o preço, fruto da introdução em 2017 do Passe Social Intermodal – a CDU conseguiu uma redução substancial dos preços. Não se interveio como se devia em todos os outros domínios, da qualidade da oferta. E depois temos problemas em vários destes critérios: quer na rapidez, quer na frequência. Há transbordos excessivos, e há insuficiente oferta, há menos autocarros do que seria necessário. Depois há outros problemas que têm a ver com o trânsito em geral. E com a falta de faixas BUS, algo que, já agora, é uma competência da Câmara Municipal de Lisboa.

> *"A atual rede da Carris tem mais de 16 anos. Portanto ela já devia, há muito tempo, ter sido adequada à realidade de hoje da cidade. (...) Precisamos aumentar essa oferta e adequá-la às reais necessidades."*

Agora, há outra coisa também: a atual rede da Carris tem mais de 16 anos. Portanto ela já devia, há muito tempo, ter sido adequada à realidade de hoje da cidade. E como dizia há pouco, tudo aquilo que não tem ligação ferroviária pesada, o metro, sente muito isso [a inadequação]. Isso resolve-se de uma maneira: investindo. E o investimento tem sido insuficiente. Foi feita uma enorme propaganda com o investimento na renovação da frota Carris, creio que com um anúncio de 50 milhões. A renovação dessa frota, em grande medida, implicou a substituição de autocarros que estavam em circulação. Isso é positivo, porque há autocarros mais modernos, menos poluentes a circular, mas é bom não esquecer que os outros saíram. E se a oferta era insuficiente, insuficiente ficou. Nós precisamos de aumentar essa oferta e adequá-la às reais necessidades.

Já que fala na questão da poluição, há pouco tempo o PCP notou um ponto negro na cidade, que é a Estação Rodoviária de Sete Rios. O PCP questionou o Executivo. Que respostas receberam?
Isso é muito visível no Terminal de Sete Rios, nas condições degradantes que são oferecidas aos passageiros, que são expostos a níveis de poluição muito significativos. É um problema sobre o qual se tem de intervir. Questionámos, mas ainda não temos resposta. Foi um requerimento que fizemos por escrito agora, no período das férias, em que recebemos também queixas, porque o tráfego ali também se intensifica. Há muita gente, muitos passageiros. E na sequência de muitas queixas, decidimos confrontar o presidente da Câmara. Em termos ambientais, é incontornável, também, a situação do aeroporto. Há um número muito significativo de pessoas, na ordem das centenas de milhares, expostas quer ao ruído, quer a partículas, quer a gases que são nocivos para a sua saúde, que estão associados a mortes prematuras e ao aparecimento de várias doenças cróni-

LEONARDO NEGRÃO

cas. Quando se vê a perspetiva de confrontar a cidade, por mais uma década ou mais, com um impacto ainda superior ao que hoje se sente, não se compreende que a Câmara Municipal de Lisboa não tenha uma posição firme de recusa desta perspetiva. Temos, também, a questão do trânsito, que está em grande medida por resolver. Além das zonas clássicas de poluição, nomeadamente o eixo central, a Avenida da Liberdade, passámos a ter zonas [de poluição] associadas ao Eixo Norte-Sul e à 2.ª Circular. Tratam-se de áreas, algumas delas, densamente povoadas, com muita habitação, com escolas e outro tipo de equipamentos públicos, estão hoje sujeitas a níveis de poluição que são nocivos para a saúde das populações. Isso resolve-se com uma aposta mais decisiva nos transportes públicos, com uma articulação com municípios limítrofes no sentido de garantir uma criação de rede de parques de estacionamento dissuasores que tragam as pessoas para o sistema de transportes públicos. A própria saída do aeroporto, da Portela, vai retirar uma grande parte do tráfego associado a essa infraestrutura, nestas zonas Eixo Norte-Sul e 2.ª Circular. E depois ainda temos o problema do Terminal de Cruzeiros. O presidente da câmara tem-se queixado muitas vezes dos bloqueios da oposição. Tem dado poucos exemplos concretos, mas nós queixamo-nos dos bloqueios do presidente da câmara. Uma proposta que há dois anos aguarda a concretização, que foi aprovada na câmara por unanimidade, feita pela CDU, foi a eletrificação do Terminal de Cruzeiros e o condicionamento do tipo de navios que ali possam atracar em função da poluição que imitem. É uma das decisões, das muitas decisões, que está por concluir. Outra decisão que tomámos foi o alargamento do Parque da Bela Vista, com a inclusão do antigo campo de golfe, que está ao abandono. Isto foi também aprovado por unanimidade e está ainda por concretizar. Estes são exemplos de deliberações de câmara que foram propostas pela CDU, dentro daquele espírito de uma oposição que faça parte da solução dos problemas da cidade e que aguardam a concretização, por falta de vontade política do presidente.

> *"Logo ali em 2012/2013, quando o Governo PSD, com o acordo de António Costa, então presidente da câmara [de Lisboa], decidiu encerrar um número muito alargado de esquadras, nós fomos Oposição ativa a isso."*

Como é que a CDU olha para o encerramento de esquadras e falta de policiamento na cidade?

A principal força que se opôs a essas decisões, em Lisboa e no plano nacional também, foi a CDU. O PS tem responsabilidades pesadas nisso. Logo ali em 2012/2013, quando o Governo PSD, com o acordo de António Costa, presidente da câmara [de Lisboa], decidiu encerrar um conjunto muito alargado de esquadras, nós fomos a oposição ativa a isso. Na altura, o então presidente de câmara, do Partido Socialista, dizia que as esquadras encerravam porque não precisávamos ter polícias à secretária, precisávamos era de ter polícias na rua. Era uma falácia, como o tempo veio a demonstrar e como a CDU alertou. Já com papéis trocados: PSD na câmara, PS na oposição, e PS no Governo, volta a haver decisões de encerramento de esquadras, uma segunda vaga de encerramento de esquadras. Nós fomos sempre uma oposição ativa a isso.

Estava a falar de Carnide, que é a única junta de freguesia que se mantém CDU. Como é que olha para a evolução das votações na CDU e que outras freguesias gostariam de voltar a ter?

Carnide é um exemplo notável de uma gestão autárquica de qualidade e distintiva, mesmo com modificações na composição social da freguesia: a Carnide de hoje não é Carnide de há 20, 30 ou 40 anos. Apesar disso, nós temos um reconhecimento ao longo do tempo, já lá vão décadas, de um trabalho que de facto é notável. Temos no exemplo de Carnide algo que queremos projetar para a cidade. A CDU tem responsabilidades grandes na cidade de Lisboa. A CDU, sendo neste momento a terceira força política no Executivo, é uma força portadora de uma visão de cidade e de um projeto para o desenvolvimento de Lisboa que claramente rompe com o caminho seguido ao longo dos últimos 25 anos. Desde 2001 até agora, nós vamos fechar este mandato autárquico com um quarto do século de gestões PS, PSD. Voltando às juntas de freguesia, achamos que é possível conquistar outras juntas e batemo-nos por isso, apesar de a composição social de Lisboa não ser a mesma que era no tempo em que a CDU chegou a ser a primeira força a nível de juntas de freguesia.

> *"Não vamos olhar para a alternativa que é necessária em Lisboa como uma mera alternância ou como uma mera troca de lugares."*

Estamos a um ano das próximas Autárquicas. À semelhança do que a Direita faz, a CDU admite uma coligação à Esquerda?

A CDU é, ela própria, um espaço de convergência muito amplo, que nós queremos que seja ainda mais amplo do que tem sido. Temos responsabilidades especiais nesta cidade. Há pouco dizia-lhe que nós somos, neste momento, a terceira força representada no Executivo. Temos uma junta de freguesia na cidade, cuja gestão é exemplar. E depois temos uma gestão que se revela, em grande medida, incapaz de responder aos problemas da cidade e temos o Partido Socialista, que viabilizou todos os Orçamentos de Carlos Moedas, sem impor quaisquer condições. Portanto há um certo demissionismo da necessidade de construir uma alternativa. Aliás, o próprio Partido Socialista tem, como eu dizia, corresponsabilidade em muito do que foram os últimos anos na vida da cidade. Por exemplo, no que toca ao urbanismo, às condições que foram criadas para o avanço da especulação imobiliária, à desregulação da atividade turística. Ora, a CDU tem especiais responsabilidades neste contexto e nós queremos estar à altura dessas responsabilidades, e formular uma política alternativa para Lisboa, uma visão alternativa para Lisboa.

Tendo em conta que Carlos Moedas pode ser um candidato forte, se houvesse uma *geringonça* municipal talvez fosse mais fácil a esquerda vencer.

Mas quando nós pensamos numa alternativa à gestão de Carlos Moedas, não pensamos em lugares. Pensamos numa alternativa do ponto de vista das políticas concretas. Numa alternativa progressista, democrática, que aponte para a construção de uma cidade moderna, desenvolvida, mas ao mesmo tempo justa, onde haja uma efetiva participação da população na decisão sobre os destinos a dar à cidade. Não ajuda na construção dessa alternativa uma desresponsabilização ou um branqueamento das responsabilidades do Partido Socialista por tudo o que ficou para trás e mesmo responsabilidades presentes, no tal [ato] de demissionismo de que eu dava conta face à ação de Moedas. Carlos Moedas, em grande medida, quando ganhou inesperadamente as eleições em 2021 – ele próprio não pensava que isso fosse possível –, isso aconteceu fruto de uma insatisfação que existia em muitos setores da cidade com o que era o desempenho da gestão anterior. Não vamos olhar para a alternativa que é necessária em Lisboa como uma mera alternância ou como uma mera questão de troca de lugares. Aqui não importa substituir Moedas. Importa substituir o projeto e a gestão. É isso que é fundamental substituir. E nós estamos empenhados é na construção desse projeto alternativo.

PSD-Madeira acusado de querer mudar lei para poder recuperar maioria absoluta

ELEIÇÕES Proposta prevê que cada concelho tenha mandatos conforme o número de eleitores, além dos círculos da compensação e emigração. Alberto João Jardim e JPP falam de ataque à democracia. PS anuncia hoje iniciativa.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

HELDER SANTOS

PSD de Miguel Albuquerque falhou maioria absoluta nas três últimas eleições regionais.

Proposta do PSD

CALHETA 12335 3
PORTO MONIZ 3003 2
SÃO VICENTE 5859 2
SANTANA 6871 2
PORTO SANTO 5447 2
PONTA DO SOL 9788 3
RIBEIRA BRAVA 14042 3
MACHICO 19821 4
CÂMARA DE LOBOS 32586 6
FUNCHAL 104858 14
SANTA CRUZ 39912 6

Legenda:
— ELEITORES INSCRITOS
— Nº DEPUTADOS

CÁLCULOS DN

A proposta do PSD para alterar o mapa eleitoral da Região Autónoma da Madeira, de um círculo único de 47 deputados para 13 círculos de dimensão variável (um por concelho, um de compensação, com cinco mandatos, e um círculo da emigração, com dois), num total de 54 parlamentares, mereceu críticas generalizadas. E algumas incidiram sobre o PS, que o Juntos pelo Povo (JPP) acusa de formar "um Bloco Central para impedir que haja representatividade". Isto porque a alteração na Lei Eleitoral, se for aprovada pelos Parlamentos do Funchal e de Lisboa, tenderá a reduzir hipóteses de elegibilidade dos partidos de menor dimensão.

Tal intenção foi ontem negada pelo secretário-geral do PSD-Madeira, José Prada, no final da reunião da comissão política em que a proposta foi aprovada. O dirigente social-democrata alegou que "não é a maneira de o PSD ter maiorias absolutas, como não é do PS ou outros partidos", apontando-lhe semelhanças à existente nos Açores, onde o círculo de compensação "aproveita" votos que não elegem em cada uma das nove ilhas do arquipélago.

Mas um dos mais cáusticos críticos da proposta foi Alberto João Jardim. Ontem à tarde, numa sucessão de *tweets* na rede social X, o histórico social-democrata, presidente do Governo Regional da Madeira de 1978 a 2015, acusou o PSD de querer "ganhar na secretaria" e alertou que o método "baixinho" de obter maiorias absolutas – objetivo falhado por Miguel Albuquerque, seu sucessor, nas três últimas Eleições Regionais – terá um efeito nocivo para a democracia. "A proposta de lei eleitoral quebra a ética, pois cada corrente de opinião com suficiente dimensão cívica não estará proporcionalmente representada no Parlamento da Madeira", defendeu Alberto João Jardim, rotulando-a de "medíocre", por equiparar a região autónoma a uma associação de municípios, e "inconstitucional", ao não permitir a "igualdade de todos os emigrantes nascidos na Madeira", nomeadamente pela "impossibilidade de um recenseamento sério".

Além de o CDS e o PAN se terem pronunciado contra a proposta, com o Chega e a Iniciativa Liberal a reservarem uma posição para depois da análise do documento, o Juntos pelo Povo assumiu a oposição ao que o seu líder, Élvio Sousa, caracterizou, ao DN, como "um plano de extinção da democracia representativa", com um "Bloco Central" formado pelo PSD e pelo PS a "reagir à ascensão" do seu partido, que nas últimas Eleições Regionais obteve 16,89% e passou de cinco para nove deputados – só menos dois do que os socialistas, novamente liderados por Paulo Cafôfo.

O ex-presidente da Câmara do Funchal reiterou ontem ao DN que não existe qualquer "bloco central e muito menos acordo com o PSD". Mas reservou para uma conferência de imprensa, marcada para esta manhã, a proposta socialista de alteração da Lei Eleitoral, revelando apenas que "é claramente diferente" da social-democrata.

Quanto à proposta social-democrata, vista pelo líder do Juntos pelo Povo como "um retrocesso", o DN apurou que implica um mínimo de dois deputados regionais eleitos em cada concelho, somando-se mais um por cada 8500 eleitores, com acertos pelo Método de Hondt, o que levaria a que o Funchal elegesse 14, com 6 em Santa Cruz e Câmara de Lobos, 4 no Machico, 3 na Calheta, Ponta do Sol e Ribeira Brava e 2 em Porto Moniz, Porto Santo, Santana e São Vicente.

Apesar da concentração de deputados nos maiores círculos, ainda assim é menor do que nas Regionais de 2004, as últimas antes da mudança para o círculo único, quando o Funchal (29) tinha quase metade dos então 68 mandatos da Assembleia Legislativa Regional, seguindo-se Câmara de Lobos (8), Santa Cruz (8) e Machico (6). Os outros partidos além do PSD e do PS só puderam então eleger no Funchal: dois do PCP, dois do CDS e um do Bloco de Esquerda.

Resultados Eleições Regionais 2024

PARTIDO	PERCENTAGEM	VOTOS	DEPUTADOS
PSD	**36,13%**	49103	19
PS	**21,32%**	28981	11
JPP	**16,89%**	22958	9
CHEGA	**9,23%**	12541	4
CDS-PP	**3,96%**	5384	2
IL	**2,56%**	3482	1
PAN	**1,86%**	2531	1

Fonte: SGMAI

Autores do *Manifesto dos 50* apontam critérios para PGR

JUSTIÇA Figuras recomendam consultas prévias para designação de sucessor ou sucessora de Lucília Gago ter "maior consenso possível".

Os promotores do *Manifesto dos 50* destacam a necessidade de independência, a recusa do corporativismo e uma cultura de prestação de contas entre os dez critérios essenciais para a designação de quem sucederá a Lucília Gago na Procuradoria-Geral da República.

Num comunicado, os subscritores do documento *Por uma Reforma da Justiça em Defesa do Estado de Direito Democrático*, lançado em maio, apelam a uma escolha "cuidadosa" para a liderança do Ministério Público (MP) por parte do Governo e do Presidente da República, aconselhando a realização de consultas para que a designação "possa merecer o mais amplo consenso possível".

Entre outros critérios para o futuro procurador-Geral, dizem ser prioritária a designação de alguém com uma "cultura dos direitos fundamentais", bem como abertura para uma reforma da Justiça ao nível do "quadro legal e organizacional e do padrão de atuação" do MP. E ainda a valorização dos contributos e críticas da sociedade para a reforma do setor, sem "uma atitude sistemática de indiferença, hostilidade, negação, desconfiança ou menosprezo"; a liberdade relativamente a elementos de "natureza corporativa que desvirtuam" a missão do MP; e o respeito pela autonomia e hierarquização desta magistratura, sendo fiel à lei e à Constituição.

Os subscritores do manifesto consideram fundamental que o próximo responsável pela PGR tenha "a capacidade, a vontade e o sentido de dever indispensáveis" à função, uma cultura de prestar publicamente contas, lembrando que tal é "essencial numa sociedade democrática", e que assegure respeito pelos prazos legais, nomeadamente quando estão em causa direitos, liberdades e garantias, como o prazo constitucional de 48 horas para primeiro interrogatório judicial.

Por último, apelam a que combata "práticas que têm desvirtuado" a atuação do MP, como o uso abusivo de escutas e buscas domiciliárias, a demora excessiva dos inquéritos ou as violações do segredo de justiça.

Entre os promotores do manifesto estão os ex-presidentes da Assembleia da República Augusto Santos Silva e Eduardo Ferro Rodrigues, o ex-líder do PSD Rui Rio, os antigos ministros Maria de Lurdes Rodrigues (PS) e David Justino (PSD), o advogado António Garcia Pereira e o constitucionalista Vital Moreira.

DN/LUSA

Autarca de Elvas vai recandidatar-se aos 82 anos

PODER LOCAL Rondão Almeida governou a autarquia entre 1994 e 2013, eleito pelo PS. Voltou à câmara municipal em 2021, liderando um movimento independente.

José Rondão Almeida anunciou a sua recandidatura à Câmara Municipal de Elvas, nas Eleições Autárquicas do próximo ano, pelo Movimento Cívico e Independente por Elvas.

Quando o ato eleitoral acontecer, Rondão Almeida terá 82 anos. Se for eleito e chegar ao final do mandato, o autarca terá então 86 anos de idade.

Na apresentação, Rondão Almeida (que já governou a câmara entre 1994 e 2013, eleito pelo PS) criticou a postura dos socialistas na autarquia elvense. Rondão Almeida disse lamentar, com "algum desgosto", não ter verificado "abertura" por parte da estrutura local do PS para "voltar a ser novamente o grande partido" que Elvas teve ao longo das últimas décadas.

O autarca aludiu, em concreto, à retirada da confiança política por parte do PS aos três vereadores eleitos por aquele partido e que, nesta altura, estão no Executivo municipal a exercer funções como vereadores com pelouros.

"A ambição política pessoal, com projetos próprios, que não são projetos para a comunidade, levou evidentemente [a] que tivesse dividido o próprio PS e não tivesse criado as condições mínimas para congregar todo o trabalho que foi feito ao longo dos últimos 30 anos", alegou. Além de 'lançar farpas' à postura do PS local, Rondão Almeida criticou ainda a "mudança de comportamento" da única vereadora da coligação PSD/CDS-PP, Tânia Rico, que substituiu a vereadora social-democrata Paula Calado, falecida em 2023.

O Executivo Municipal de Elvas é constituído por três eleitos pelo movimento de Rondão Almeida, outros tantos vereadores eleitos pelo PS (mas sem confiança política) e uma da coligação PSD/CDS-PP.

DN/LUSA

Rondão Almeida
Presidente da Câmara de Elvas

Opinião
Bernardo Ivo Cruz

O clima está a mudar e Tuvalu está a desaparecer

Tuvalu e os seus 12 mil cidadãos, é um Estado soberano composto por 9 ilhas com cerca de 26Km² no Pacífico Sul, membro das Nações Unidas e da *Commonwealth* Britânica – que corresponde à CPLP – com eleições livres e justas a cada 4 anos. É o 4.º país mais pequeno do mundo e, por causa da subida do nível das águas do mar, está a desaparecer a tal ponto que o Governo de Tuvalu está a transferir para o metaverso a herança cultural do país, evitando assim que tudo se perca debaixo das ondas que todos os anos avançam mais uns metros.

Face à catástrofe anunciada, entrou em vigor no passado dia 28 de agosto, um Tratado Internacional entre Tuvalu e a Austrália que prevê o apoio australiano à segurança de Tuvalu, incluindo o combate aos efeitos das alterações climáticas. O acordo estabelece também um mecanismo de "mobilidade humana com dignidade" que permite a cidadãos de Tuvalu viverem, estudarem e trabalharem na Austrália, incluindo acesso aos sistema de Saúde, Educação e Segurança Social à chegada.

É claro que estamos a falar de números muito limitados de pessoas e mesmo que toda a população de Tuvalu acabe por partir para a Austrália, o peso de 12 mil imigrantes na sociedade australiana será negligenciável. Mas estamos também a falar no primeiro tratado internacional entre dois Estados soberanos que reconhece o efeito potencialmente catastrófico das alterações climáticas e estabelece um mecanismo em que um Estado se compromete a receber, com dignidade e direitos, a população do outro que nenhuma culpa teve nas causas da sua ruína. É, de facto, uma mudança substantiva nos instrumentos de Direito Internacional.

> "Infelizmente o impacto das alterações climáticas nos países e populações não se limita aos 12 mil cidadãos de Tuvalu."

Infelizmente o impacto das alterações climáticas nos países e populações não se limita aos 12 mil cidadãos de Tuvalu. Segundo quadros, mapas e tabelas comparativos de organizações internacionais, ONG e universidades que, reconheçamos, nem sempre estão de acordo sobre o grau de risco climático a que cada país está sujeito, as zonas do globo que mais sofrem com o efeito das alterações climáticas estão em África e na Ásia e, se considerarmos os 10 países mais afetados pelas alterações climáticas que aparecem em todas as tabelas, estaremos a falar de cerca de 1600 milhões de seres humanos.

Passados quase 30 anos sobre a criação do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas continuamos a discutir formas para combater as consequências ambientais de 150 anos da Revolução Industrial. Mas se nada fizermos, iremos ter outra discussão muito mais aflitiva: como gerir com respeito e dignidade 1600 milhões de pessoas que não terão condições para continuar nos seus países e que terão de se meter a caminho para outras paragens onde ainda se possa viver.

Professor Convidado IEP/UCP

Protestos

Greves de médicos e enfermeiros marcam primeiros dias dos 45 anos do SNS e podem fechar serviços

BALANÇO Nos últimos dois dias vários acontecimentos assinalaram mais um aniversário do SNS. Os discursos recordaram os benefícios que trouxe, mas não esqueceram a "crise" que vive. E, pela primeira vez, médicos e enfermeiros marcam greves nacionais que coincidem.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Flash mob com utentes pelo SNS

Médicos e utentes participaram ontem numa *flash mob* junto à Culturgest, em Lisboa, onde decorria a cerimónia que assinalava os 45 anos do SNS, promovido pela Federação Nacional dos Médicos (Fnam) para homenagear os profissionais de saúde e os beneficiários que "têm resistido à degradação do SNS" ao longo dos anos. "Grávidas preocupadas, mulheres indignadas", "A saúde é um direito, sem ela nada feito", "Nascer com dignidade, proteger a maternidade" e "O povo merece o SNS" foram algumas das frases de ordem entoadas.

Foi a 15 de setembro de 1979 que, através da publicação da Lei 56/79, no *Diário da República* n.º 214, *Série I*, nasceu o Serviço Nacional de Saúde (SNS). Portugal passava a ser detentor de um serviço público de saúde, "universal e tendencialmente gratuito". No balanço destes 45 anos, que foram assinalados com cerimónias no domingo e ontem, o passado foi elogiado – desde logo pelos resultados obtidos nos indicadores de saúde na população, nomeadamente no que toca à mortalidade maternoinfantil, que era das piores do mundo para atingir agora níveis considerados dos melhores do mundo – e a "crise" que agora vive o SNS apontada como uma "grande preocupação". Quem está aos comandos pede "consenso nacional para a Saúde", mas quem está no terreno queixa-se de "negociações de fachada", havendo greves de médicos e enfermeiros marcadas já para a próxima semana e nos mesmos dias, 24 e 25.

Começando pela tutela, a ministra Ana Paula Martins esteve ontem de manhã na sessão comemorativa do aniversário do SNS e assinalou que "a Saúde de hoje é diferente da de há 45 anos", sublinhando que, na altura, o país conseguiu inverter "assimetrias e desigualdades" e ultrapassar a situação de viver com "um dos piores Sistemas de Saúde do mundo". Admitindo que "dificilmente todos conseguiremos estar de acordo", alerta que é preciso "materializar um acordo na Saúde para o essencial", reiterando que qualquer "mudança estrutural na Saúde deve contar com todos os agentes", porque "as reformas não se fazem contra as pessoas, os profissionais ou os autarcas".

Mas se há crítica que os que estão no terreno têm feito aos titulares das pastas é a de não ouvirem os profissionais. E Ana Paula Martins não é exceção. Ao fim de cinco meses, esta é uma das críticas feitas pelos sindicatos de médicos e de enfermeiros que agora avançam de novo para as greves, por não aceitarem o que chamam "negociações de fachada".

E, pela primeira vez nestes 45 anos de SNS, duas estruturas, a Federação Nacional dos Médicos (Fnam) e o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP), marcaram greves nacionais para os mesmos dias e com manifestações frente à porta do ministério, em Lisboa. Esta situação apenas tinha sido vista em dias de greves gerais da Administração Pública, levando a grandes constrangimentos nas unidades de saúde. O mesmo poderá acontecer na próxima semana, antevendo-se que haja serviços que "tenham de adiar consultas e cirurgias e alguns fiquem com a atividade afetada a 100%", apesar de "os serviços mínimos estarem garantidos", explicaram ao DN.

A presidente da Fnam, Joana Bordalo e Sá, e a dirigente nacional do SEP, Guadalupe Simões, disseram ao DN que a marcação dos protestos para as mesmas datas foi coincidência, mas que tal só vem reforçar a necessidade de "mudanças" no decorrer das negociações. O objetivo é fazer com que o Orçamento do Estado para 2025 ainda integre medidas prioritárias para cada uma das classes, nomeadamente as relacionadas com a questão remuneratória.

A ministra reconheceu na Assembleia da República que, para a "reforma estrutural" do SNS acontecer, "os próximos Orçamentos do Estado são essenciais", mas, mais uma vez, estas estruturas dizem que os sinais dados são contrários. A Fnam argumenta mesmo que "os médicos foram obrigados a ir para esta greve pela atitude deste novo ministério", pedindo ao Governo "uma ministra que substitua a negociação de fachada por uma negociação séria, com soluções apresentadas pelos profissionais, para resolver as dificuldades com que o SNS se debate diariamente".

Do lado dos enfermeiros as críticas vão no mesmo sentido. "As propostas apresentadas pelo Ministério da Saúde são ofensivas para os enfermeiros", e por isso mesmo fizeram do mês de agosto um mês de luta, com uma greve nacional no dia 2 e várias regionais. A dirigente do SEP referiu ao DN que os dias 24 e 25 de setembro já estavam previamente definidos para uma paralisação, no caso de a reunião marcada para o último dia 12 com a tutela não surtir os resultados desejados. E foi isso que aconteceu: "Mais uma vez a sr.ª ministra da Saúde decidiu adiar a reunião por precisar de mais tempo para avaliar as nossas propostas. Já deveria ter percebido que a questão remuneratória e as condições de trabalho são prioridades para a enfermagem."

Por isso, salvaguarda Guadalupe Simões, estas ações de luta podem não ficar por aqui: "Se nada acontecer após as greves decretadas para a próxima semana vamos continuar."

As exigências apresentadas

Os enfermeiros mantêm as exigências pela "justa valorização de todas as posições remuneratórias de todas as categorias da Carreira de Enfermagem; pela compensação do risco e penosidade, designadamente através de condições especiais de aposentação; pela correção de todas as injustiças e discriminações relacionadas com a contagem de pontos, desde logo o pagamento dos devidos retroativos desde 2018". Exigem ainda que "todos os enfermeiros deten-

tores do título de Enfermeiro Especialista até 31 de maio de 2019 transitem para a respetiva categoria; e um plano de pagamento de dívidas em atraso relativamente ao trabalho extraordinário em dias feriados e não-goza- dos". Mas não só. Os enfermeiros querem também "um regime remunerado de dedicação exclusiva ao SNS e a admissão de mais enfermeiros e efetivação de todos os precários".

Do lado dos médicos, a Fnam assinalou a quebra das negociações com Ana Paula Martins com uma greve nacional a 23 e 24 de julho, tendo o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) assinado um protocolo negocial. Num comunicado divulgado ontem, a Fnam assinala que "os médicos querem ficar no SNS, mas necessitam de ser respeitados", sustentando que tudo continuará a fazer para "defender melhores condições de trabalho e salários justos, condizentes com a sua formação e responsabilidade profissional".

Joana Bordalo e Sá sublinhou ao DN "não haver dúvidas quanto ao facto de o SNS ser um dos pilares da nossa democracia. E se os portugueses continuam a receber cuidados, maioritariamente, no serviço público é devido aos profissionais. Isto mesmo ficou patente durante a pandemia".

Mas, para a Fnam, a situação agravou-se nos últimos meses. A presidente regista ser "incompreensível que nos últimos meses mais 40 mil portugueses tenham ficado sem médico de família. Temos agora quase 1,7 milhões de utentes sem médico de família". Por outro lado, "a lista de espera cirúrgica também aumentou mais 0,3% e os cuidados para doentes paliativos continuam a ser insuficientes". Tudo isto "porque faltam profissionais de saúde, incluindo médicos", remata. Por isso mesmo, homenageia "todos os médicos e profissionais que ainda resistem no SNS".

São precisas mudanças para que os médicos deixem de sair do serviço público e uma das preocupações atuais é "o atraso nos concursos de colocação de médicos e a criação das Unidades de Saúde Familiar Modelo C que podem roubar ainda mais recursos ao SNS".

Do lado dos mais jovens profissionais de Saúde, a plataforma que reúne todas as associações que os representa veio ontem pedir "um SNS mais flexível e próspero" de forma a garantir o planeamento de recursos humanos".

anamafaldainacio@dn.pt

Opinião
Luís Vidigal

Uma nova perspetiva digital para a preparação do Orçamento do Estado

Colaboração e partilha, para poupar recursos e aumentar a produtividade do país

Dar dinheiro a um organismo público, que se fecha em si mesmo e se recusa a colaborar e a partilhar dados, insistindo na obstrução de fluxos digitais em processos de transformação digital, é o mesmo que comprar um Fórmula 1 para viajar num caminho de pedras a passo de caracol.

Os processos internos da Administração Pública são caracterizados pela sua complexidade e fragmentação, pois cada organismo tende a funcionar fechado no seu Sistema de Informação, muitas vezes desatualizado ou mal integrado com os outros, o que gera redundâncias e atrasa a execução e a fluidez dos processos orientados para as necessidades dos cidadãos e das empresas.

A fragmentação significa que diferentes departamentos podem ter de repetir os mesmos procedimentos ou revalidar informações que já foram verificadas por outro órgão, o que cria uma espécie de engarrafamento interno onde os processos, que poderiam ser rápidos, se tornam lentos e ineficientes do princípio até ao fim.

Por exemplo, o processamento do pedido de um benefício social ou de um licenciamento pode envolver várias etapas, que passam por diferentes departamentos e níveis de Governo, com ritmos diferentes de modernização e transformação digital.

Se essas entidades não colaborarem umas com as outras, para sincronizar os seus procedimentos, nem partilharem dados entre si e com a sociedade envolvente, os respetivos fluxos processuais acabam por ser muito demorados, devido a recolhas de dados redundantes, sucessivas verificações e comprovantes, assim como múltiplos pontos de controlo humanos.

Imagine-se um cidadão que tem a sorte de resolver instantaneamente uma parte de um evento da sua vida pessoal num organismo que já passou por uma transformação digital, no entanto, ao chegar a um outro organismo para concluir a resolução do seu problema, pode ser confrontado com a irracionalidade dos velhos procedimentos burocráticos bloqueadores, arrastados no tempo e geradores de corrupção.

Os processos internos da Administração Pública, muitas vezes, não acompanham o ritmo das inovações tecnológicas disponíveis, resultando em longas esperas, redundâncias de informações e uma experiência frustrante para o cidadão. A falta de interoperabilidade entre os diferentes departamentos e a ausência de sistemas automatizados, que permitam a partilha eficiente de dados, são as principais causas de morosidade, custos de contexto e fraca produtividade do país.

Na maioria dos casos, os departamentos possuem "silos" de informação, onde os dados são armazenados e utilizados apenas internamente, sem serem partilhados com outras entidades que deles possam beneficiar e acabam por causar um verdadeiro caos informacional.

Os orçamentos destinados à transformação digital, se forem bem geridos globalmente, desempenham um papel crucial na modernização dos processos internos do Estado e no aumento da produtividade do país. Com investimentos adequados, é possível implementar plataformas integradas que permitam a automação de tarefas e a partilha de dados em tempo real entre diferentes departamentos, pois não só aceleram os processos como também melhoram a precisão e reduzem os erros.

Alguns Governos em todo o mundo, em que a transformação digital constitui uma prioridade na modernização administrativa, já estão a condicionar a aprovação dos orçamentos à disponibilidade de cada organismo para colaborar e partilhar dados com outras entidades públicas e níveis de Governo, tendo em vista garantir a fluidez na resolução de eventos da vida dos cidadãos e das empresas.

Aqui fica o desafio para que os governantes subam no "helicóptero" e vejam os Orçamentos do Estado com uma nova perspetiva centrada na fluidez transversal dos processos digitais e não apenas em cada organismo ou ministério isoladamente.

*Representante da sociedade civil na Rede Nacional de Administração Aberta.
Consultor internacional de e-Government. Ativista cívico e ex-dirigente de topo em áreas tecnológicas e de modernização administrativa.*

TAP deverá superar os números de passageiros pré-pandemia apenas em 2026

PREVISÃO A gestão da companhia aérea de bandeira prevê ultrapassar dentro de dois anos o número de passageiros atingido em 2019, antes da pandemia de covid-19. Estimativa consta da avaliação realizada pela EY e pelo Finantia.

TEXTO **NUNO VINHA**

A gestão da TAP espera ultrapassar o número de passageiros transportados em 2019, último ano completo pré-pandemia, daqui a dois anos, em 2026, mas com receitas em média mais altas nesse ano recorde. A informação consta nas análises feitas pela EY e pelo Banco Finantia para a Parpública, às quais o DN teve acesso.

De acordo com o documento, de acesso restrito, da EY – intitulado *Projeto Wright* (uma referência aos irmãos Orville e Wilbur Wright, pioneiros da aviação?) – a TAP transportou em 2019 cerca de 17,05 milhões de passageiros, seguido dos dois anos mais impactados pela pandemia, 2020 e 2021, em que a companhia de bandeira portuguesa registou, respetivamente, 4,65 milhões e 5,82 milhões de passageiros.

No ano completo de 2022, a realidade da TAP regressou para números mais perto do ano recorde de 2019, com 13,75 milhões de passageiros transportados. E fechou o ano passado, 2023, ainda melhor: com 15,82 milhões de passageiros. As duas principais concorrentes nos aeroportos portugueses, a easyJet e a Ryanair, deram *a volta* à pandemia logo em 2023, com mais passageiros transportados em 2023 do que em 2019, tanto a nível global (169 milhões para a Ryanair e 83 milhões para a easyJet), como no mercado português.

Em 2019, a TAP transportou 17 milhões de passageiros, número que apenas deverá superar em 2026.

ARQUIVO DN

Para já, a gestão da TAP espera fechar este ano e o próximo ainda abaixo de 2019. Em 2024, a TAP espera transportar 16,83 milhões de passageiros e, em 2025, um pouco abaixo do recorde, nos 17,04 milhões. Apenas em 2026 antevê ultrapassar os números de 2019, com um total de 17,35 milhões de clientes transportados.

No entanto, as receitas com passageiros têm vindo a subir e a TAP espera fechar este ano com um total de 3,9 mil milhões de euros em receitas com passagens, acima dos 3,5 mil milhões com que fechou 2023, indica o documento *Projeto Zeus*, do Banco Finantia, também para a Parpública no âmbito da privatização.

Para 2024, a gestão da TAP, citada no documento, espera ultrapassar os quatro mil milhões de receita com passagens. O documento não indica no mesmo quadro a diferença entre o custo e a receita com cada passageiro (normalmente em cêntimos).

Ainda assim, ambos os documentos indicam que a TAP conta transportar menos ou o mesmo número de passageiros, mas com maiores receitas por cada passagem vendida, sobretudo no longo curso. A tarifa média implícita da TAP no longo curso passa dos 309 euros em 2019 para 511 euros no final de 2023, subindo depois para uma estimativa de 512 euros este ano e 519 euros em 2028.

No médio curso e nas curtas distâncias as diferenças são menores: os 117 euros da tarifa média implícita no médio curso em 2019 dá lugar a 135 euros de média este ano e 139 em 2028. Na curta distância a curva é semelhante, mas estas são rotas que terão cada vez menos peso nas contas da TAP.

Luís Rodrigues
CEO da TAP

Ao DN, Pedro Castro, especialista em aviação da Skyexpert, diz que os investidores interessados na TAP (para já a Lufthansa, a IAG e a Air France) vão estar a olhar mais para as receitas das passagens e não apenas para o número de passageiros transportados, isto apesar de a aviação ser um negócio de volume.

"Em termos de investimento aeronáutico a questão mais interessante é avaliar a evolução das receitas globais, da receita unitária, a margem operacional e os compromissos contratuais (*liabilities*), incluindo os acordos de empresa. Na parte das receitas, a TAP tem surpreendido pela positiva. Mas isso está totalmente ligado ao facto de a TAP concentrar as suas operações num aeroporto esgotado onde tem 50% dos movimentos", diz Pedro Castro. A questão quantitativa do número de passageiros, acrescenta o especialista, "num cenário em que a TAP dispõe de 10 aviões menos do que em 2019 não é um tema tão central em termos de investidor. Com 10 aviões a menos, isso até é expectável e está justificado".

Para Pedro Castro, os investidores poderão fazer "um teste de *stress*" que assenta na seguinte pergunta: como é que a TAP se comportaria num aeroporto não-esgotado? "No passado, em aeroportos nacionais não-sgotados – como Porto, Faro e Funchal – a TAP falhou e abandonou esses aeroportos", complementa.

As duas análises da EY e do Banco Finantia para a Parpública, datados de setembro de 2023, avaliam a TAP entre cerca de 750 e 1145 milhões de euros.

DHL aumentou capacidade de processamento no norte para 5000 peças/hora na exportação.

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

DHL negoceia desbloqueio de investimento em Lisboa com Moedas

DISTRIBUIÇÃO Grupo inaugura novo terminal de carga aérea no Porto com capacidade para processar 5000 peças para exportação por hora. Projeto custou 25 milhões de euros.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A DHL está há cerca de dez anos para instalar um novo Terminal de Carga Aérea no aeroporto de Lisboa, num investimento previsto da ordem dos 50 milhões de euros. Segundo José Reis, CEO do grupo de distribuição e logística em Portugal, já há um acordo com a ANA - Aeroportos de Portugal para avançar com a infraestrutura, mas a DHL continua a aguardar aprovação da Câmara de Lisboa. Neste momento, decorrem reuniões com a autarquia liderada por Carlos Moedas para "aperfeiçoar o projeto inicial de forma a acomodar as expectativas do município, bem como os crescimentos de carga previstos para os próximos 20 anos", adianta ao DN/Dinheiro Vivo. E realça: "A concretização deste investimento é essencial".

Já no Porto, o grupo inaugura hoje o seu novo Terminal de Carga Aérea. A infraestrutura representa um investimento de 25 milhões de euros e foi projetada para responder ao crescimento do mercado nos próximos 15 a 20 anos. Segundo José Reis, o terminal do Aeroporto Francisco Sá Carneiro foi pensado com base num previsível aumento da procura, com destaque da indústria exportadora da Região Norte, e no crescimento do *e-commerce*. Como frisa, "este investimento vem sublinhar o nosso compromisso com o tecido empresarial português, especialmente com a indústria exportadora do Norte do país, e com a economia nacional".

Com este novo terminal, o grupo de distribuição e logística aumenta a capacidade de processamento em 300% na exportação (para cerca de 5000 peças/hora) e de 150% na importação (6000/hora). O projeto vem colmatar as necessidades da indústria exportadora do Norte. Como revela, "a maior procura provém das empresas exportadoras". A anterior infraestrutura – inaugurada em 2012 e dimensionada para um horizonte de 15-20 anos – atingiu a sua capacidade máxima em apenas uma década, ou seja, em 2022.

Decorrem reuniões com a Câmara de Lisboa para "aperfeiçoar o projeto inicial [do novo Terminal na Portela] de forma a acomodar as expectativas do município".

José Reis
CEO da DHL em Portugal

Na altura, "foi considerado um terminal de excelência e completamente inovador e estava dimensionado bastante acima da atividade que tínhamos", reconhece o gestor. Mas a dinâmica da economia da região depressa absorveu a capacidade instalada. Como exemplifica, "a taxa de crescimento anual composta, entre 2018 e 2023, do volume de envios manuseados em Portugal, foi de 9%, mas, a Norte, este crescimento foi de 14% no mesmo período". Na pandemia, rondou os 25%. Com esta *performance*, o grupo de distribuição e logística reforçou os postos de trabalho no Porto. "Em 2012, quando inaugurámos o Terminal de Carga Aérea do Porto, trabalhavam connosco pouco mais de 70 pessoas. Atualmente, temos quase o triplo", sublinha.

Agora, a DHL está apta a "processar maiores volumes de carga de forma mais rápida, eficiente e ainda mais segura". O terminal vai também permitir que os clientes da Zona Norte possam otimizar os processos, "uma vez que passamos a fazer entregas mais cedo e também a poder recolher até mais tarde". O investimento assenta numa projeção de resposta para os próximos 15-20 anos, com base numa expectativa de crescimento anual de 10%.

Segundo José Reis, a carga manuseada pela DHL no Terminal do Porto divide-se em 44% de exportações e 56% de importações, sendo que o segmento *B2C* (*Business-to-Consumer*) representa a maior fatia do número de envios de importação. Nesta matéria, o responsável acredita que "o *e-commerce* é uma tendência que veio para ficar". No entanto, considera que as empresas portuguesas não estão a aproveitar todas as potencialidades do comércio eletrónico, principalmente no segmento *B2B* (*Business-to-Business*). "Este é um mercado ainda pouco explorado em Portugal, pois as empresas ainda não estão muito despertas para esta realidade", afirma.

Em Portugal, os movimentos anuais de carga da DHL aproximam-se dos cinco milhões de envios. José Reis estima que o norte continue a crescer a dois dígitos por ano e que, a curto prazo, o sul também venha a acompanhar as mesmas taxas de crescimento. De acordo com o responsável, estes volumes de carga implicam a utilização diária de quatro a cinco aviões DHL dedicados, a operar a partir dos aeroportos de Lisboa e Porto.

No ano passado, o grupo registou um volume de negócios de 81,8 mil milhões de euros, uma queda de 13% face a 2022. Segundo José Reis, este decréscimo estava já previsto, "uma vez que uma recuperação económica ampla e dinâmica a nível global não se concretizou em 2023". Também em Portugal a empresa se deparou com uma tendência de abrandamento da faturação, embora mais ligeira em termos percentuais, adianta, sem revelar números. As previsões para este ano no país são já de crescimento, na ordem dos dois dígitos, o que "reforça a necessidade de continuar a aumentar a nossa capacidade de resposta". O grupo é responsável por cerca de 600 mil postos de trabalho a nível mundial. Em Portugal, as várias unidades de negócio da DHL empregam cerca de 2500 pessoas.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

Incerteza. Von der Leyen "espera" apresentar composição do colégio de comissários

UNIÃO EUROPEIA Líder da Comissão tem hoje uma reunião agendada para anunciar aos líderes dos grupos parlamentares em Estrasburgo a composição do futuro colégio de comissários. O francês Thierry Breton renunciou ao atual cargo de comissário europeu e Stéphane Séjourné é o novo nome indicado por França.

TEXTO **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO,** EM BRUXELAS

A presidente da Comissão Europeia "tem esperança" de poder apresentar hoje a lista dos comissários europeus, em Estrasburgo, numa reunião com os presidentes dos grupos parlamentares.

"Desde sexta-feira, a situação não evoluiu muito." A informação foi avançada ontem pela porta-voz da Comissão Europeia, Arianna Podestà. No entanto, a porta-voz recusou-se a comentar a mais recente alteração no Executivo de Ursula von der Leyen, depois de o comissário da Indústria e Mercado Interno, Thierry Breton, ter batido com a porta, a poucas semanas de concluir o mandato de cinco anos até ao fim.

Breton tinha sido nomeado pelo presidente francês, para ser reconduzido no cargo de comissário. Mas, pelo que denunciou numa carta pública que enviou à presidente da Comissão Europeia a anunciar a sua demissão, a forma como Von der Leyen está liderar o processo de formação do futuro Executivo foi uma razão de grande descontentamento para Thierry Breton.

Assim, anunciou a sua demissão "com efeitos imediatos", questionando a conduta da alemã durante o processo que deveria estar terminado hoje, altura em que Ursula von der Leyen tem uma reunião agendada para anunciar aos presidentes dos grupos parlamentares em Estrasburgo a composição e os cargos de cada um dos membros do futuro colégio.

Na carta, Breton denuncia que Von der Leyen contactou Emmanuel Macron para pedir que o presidente francês retirasse o nome do comissário proposto por França, alegando razões pessoais. E, caso Macron apresentasse uma alternativa ao nome de Thierry Breton, seria oferecida a França uma pasta mais importante.

"Há poucos dias, durante a fase final das negociações sobre a composição do futuro colégio, pediu à França que retirasse o meu nome – por razões pessoais que, em nenhum momento, discutiu diretamente comigo – e ofereceu, como troca política, um portefólio supostamente mais influente para França no futuro colégio. Agora será proposto um candidato diferente", lê-se na carta dirigida a Von der Leyen.

Sem poupar nas críticas, Thierry Breton escreveu na carta enviada à presidente da Comissão que "estes acontecimentos são mais um testemunho de uma governação questionável", afirmando que "nos últimos cinco anos se esforçou incansavelmente para promover e defender o bem comum europeu, acima dos interesses nacionais e partidários [e] foi uma honra".

No entanto, diz-se "forçado a concluir que", à luz destes últimos desenvolvimentos, "não pode continuar a exercer as funções" no colégio de comissários.

O francês, visto como crucial na resposta europeia à falta de componentes críticos durante a pandemia e, mais recentemente, na identificação das carências da indústria europeia de Defesa, renuncia, assim, ao atual cargo de comissário europeu, "com efeitos imediatos".

FREDERICK FLORIN / AFP

Thierry Breton e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

> Em carta pública, Breton denuncia que Von der Leyen contactou Emmanuel Macron para que retirasse o seu nome como comissário proposto por França, alegando razões pessoais.

De acordo com um comunicado divulgado, entretanto, pelo Palácio do Eliseu, Macron nomeou o ministro dos Negócios Estrangeiros cessante no Governo de França, Stéphane Séjourné, para substituir Thierry Breton como candidato de França a comissário europeu, anunciou o Eliseu num comunicado.

Séjourné é visto como um homem próximo de Emmanuel Macron e um aliado do presidente francês. Além disso, é militante do partido de Macron, tendo chegado à liderança do grupo Renovar a Europa, no Parlamento Europeu, antes de ser nomeado para integrar o Governo francês.

Após a polémica inesperada causada pela demissão de Thierry Breton, o Palácio do Eliseu escreveu, no comunicado, que Stéphane Séjourné cumpre "todos os critérios exigidos" para as funções de comissário europeu.

No entanto, a demissão de Thierry Breton não parece ser a principal causa da incerteza de Von der Leyen em relação à apresentação da lista de comissários. A razão fundamental prende-se com um bloqueio político na Eslovénia, que está a atrasar o processo de nomeação do comissário europeu daquele país. O Parlamento esloveno está a recusar-se a agendar a audição de confirmação da candidata Marta Kos, indicada pelo Governo esloveno, liderado por Robert Golob, devido a uma disputa política interna na Eslovénia, entre o Governo e a oposição.

Reserva Federal deve seguir BCE e cortar juros pela primeira vez desde 2020

POLÍTICA MONETÁRIA Inflação a caminho da meta de 2% e desaceleração da atividade económica devem levar Jerome Powell, presidente da Fed, a anunciar uma redução da taxa de referência na reunião que termina amanhã, iniciando um ciclo de descidas.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**

Os economistas parece que não têm dúvidas de que a Reserva Federal (Fed) norte-americana vai anunciar amanhã o primeiro corte da sua taxa de referência desde 2020, ano a pandemia de covid-19, após um ciclo de subidas sucessivas com início em março de 2022 e até 26 de julho de 2023. Após um período de pausa, a instituição liderada por Jerome Powell deverá tomar ação e inverter a política, escudada na evolução favorável dos preços a caminho da meta de 2%, mas também nos indicadores da atividade económica. As taxas situam-se nesta altura entre 5,25% e 5,50%.

"A Fed deverá cortar a taxa de referência na quarta-feira, que se encontra em máximos de 23 anos", antecipa Filipe Garcia, economista da IMF. "A justificação para o corte desta semana estará na evolução favorável da inflação em direção à meta da Fed, mas também nos crescentes sinais de desaceleração económica", sublinha o economista ao DN/Dinheiro Vivo.

A Reserva Federal deverá acompanhar o Banco Central Europeu (BCE) que, na semana passada, procedeu ao segundo corte deste ano das suas taxas diretoras, em 0,25 pontos percentuais.

Mas se a decisão de Powell de iniciar a descida das taxas de juro reúne consenso no mercado, a dimensão do corte é alvo de incerteza. Há quem aponte uma diminuição em linha com a do BCE na quinta-feira – 0,25 pontos percentuais – e quem quem indique uma redução mais significativa, de meio ponto percentual.

"O mercado está a atribuir, neste minuto [ontem, a meio da tarde], uma percentagem de 60% de probabilidade de um corte de 50 pontos base", avança Filipe Garcia. O economista acredita, no entanto, que a descida ficará pelos 0,25 pontos percentuais. "Apesar de o mercado estar a descontar cada vez mais um corte de 50 pontos base, parece-me que a Fed irá (ou deverá) cortar apenas 25 pontos base. Isto, porque um corte de 50 pontos base poderia assustar o mercado, dando a entender que a situação económica é de tal modo grave a ponto de justificar um corte mais amplo logo no início do ciclo", acredita.

Jerome Powell, presidente da Reserva Federal norte-americana.

ROBERT SCHMIDT / AFP

Pedro Lino, economista e CEO da Optimize e Dif Broker defende que o melhor para a atual situação económica do outro lado do Atlântico seria que as taxas de juro sofressem um corte mais expressivo, até porque entre a tomada de decisão e o impacto na economia há um desfasamento temporal.

"Acho que teremos um corte da Fed e, na minha opinião, deveria ser de 0,5% tendo com conta que a economia americana está a abrandar, mas os sinais que vêm das outras grandes economias mundiais não são melhores", diz ao DN/Dinheiro Vivo.

> Presidente da Reserva Federal deverá sinalizar também a continuação da descida das taxas de juro em próximas reuniões, antecipam os economistas.

"O BCE reviu um baixa o crescimento da zona euro, embora ligeiramente, e os recentes dados da China mostram uma economia em forte desaceleração. As vendas a retalho e o PIB foram mais baixos do que o esperado, o que numa economia global terá impacto", destaca.

Na reunião que hoje tem início e termina amanhã, Jerome Powell também dará indicações sobre se as descidas serão para continuar. "Deverá sinalizar que à medida que a inflação se aproxima dos 2%, irá continuar a baixar os juros. Espera-se que em 2025 os juros nos EUA possam estabilizar nos 2,75%-3,0%, ou seja menos 2,25%", adianta Pedro Lino.

Ontem, indica Filipe Garcia, o mercado acreditava que "até ao final do ano haverá pelo menos 100 pontos (um ponto percentual) de cortes, e que até ao fim de 2025 haverá 250 pontos base de cortes".

carla.ribeiro@dinheirovivo.pt

BREVES

Preço das casas sobe 7,7% em agosto

O preço das casas em Portugal voltou a aumentar em agosto. A subida foi de 7,7% quando comparada com o mesmo mês do ano passado e de 0,9% face a julho, revela o *Índice de Preços Residenciais* da Confidencial Imobiliário. Em julho, a valorização homóloga foi de 7,5% e a mensal de 0,1%. A tendência crescente do custo da habitação volta a acentuar-se. Em julho e agosto, as casas em Portugal Continental foram vendidas por um preço médio de 2456€/m^2, revela a consultora. Nesses dois meses de verão, foram transacionados 34 500 fogos em Portugal Continental, mais 3,3% do que os 33 400 contabilizados no segundo trimestre de 2024.

Anarec critica atualização da taxa de carbono

A Associação Nacional dos Revendedores de Combustíveis (Anarec) apelou ontem ao Governo para que reveja a sua posição quanto ao descongelamento da atualização da taxa de carbono. "O Governo tem vindo constantemente a travar a descida do preço dos combustíveis, ao atualizar a taxa de carbono pela terceira vez, desde o dia 23 de agosto", referiu a associação, contabilizando um impacto acumulado de 7,5 cêntimos no preço do gasóleo e de 6,9 cêntimos no preço da gasolina. Segundo a Anarec, o descongelamento da atualização da taxa de carbono não tem sido feita de forma gradual, ao contrário do que resulta do diploma legal".

Serviço Secreto, a agência debaixo de fogo pelos atentados a Trump

EUA Biden quer dar mais meios a quem protege altas individualidades, embora não falte financiamento. Candidato republicano atira-se ao presidente e a Kamala Harris.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Joe Biden reconheceu que a agência federal responsável pela segurança do atual e antigos presidentes e vice-presidentes, bem como dos candidatos às Eleições Presidenciais – o Serviço Secreto (USSS, não-relacionado com os serviços secretos) – necessita de mais meios. "Uma coisa que quero deixar clara é que o Serviço [Secreto] precisa de mais ajuda e penso que o Congresso deve responder às suas necessidades", disse o presidente norte-americano acerca da aparente segunda tentativa de assassínio de Donald Trump em pouco mais de dois meses.

A agência fundada em 1865, dependente do Departamento de Segurança Interna, tem um historial conturbado na última década e meia, tendo perdido centenas de agentes depois de um relatório do Congresso, em 2015, ter feito um diagnóstico devastador sobre o seu funcionamento.

Agentes do Serviço Secreto, posicionados a alguns buracos do local onde Trump estava a jogar golfe, um campo seu situado a cerca de sete quilómetros da residência de Mar-a-Lago, em Palm Beach, Florida, repararam no cano de uma arma entre os arbustos à volta daquele espaço, a mais de 350 metros de distância. Um agente disparou e o homem mais tarde detido, Ryan Wesley Routh (*ver texto ao lado*), largou a espingarda e fugiu num automóvel, deixando para trás a arma juntamente com duas mochilas, uma mira telescópica e uma câmara. Apesar de os agentes terem evitado o pior, o incidente voltou a pôr o Serviço Secreto em questão, na sequência das falhas admitidas pela agência na prevenção da tentativa de assassínio em julho.

Dez dias depois do tiroteio no comício de Butler, Pensilvânia, a diretora do Serviço Secreto, Kimberly Cheatle, acabou por se demitir – tinha dito antes que não o faria – e assumiu as responsabilidades pelo ocorrido na sequência de uma audição no Congresso em que foi criticada tanto pelos republicanos, como pelos democratas. Entre o dia do atentado e a demissão, reuniu-se com Trump, tendo recomendado a este suspender as ações de campanha na

Francoatirador do Serviço Secreto vigia Trump durante conferência de imprensa no seu campo de golfe da Califórnia, na sexta-feira passada.

CHIP SOMODEVILLA / GETTY IMAGES / AFP

Agentes do Serviço Secreto acompanham saída de palco de Trump num comício na Pensilvânia.

MARIO TAMA/GETTY IMAGES/AFP

rua enquanto o Serviço Secreto delineava um novo plano de segurança.

Foi já com o número dois da hierarquia, Ronald Rowe, a assumir as funções de diretor interino, que, em meados de agosto, a agência aprovou o incremento de medidas de segurança. A medida mais visível, reservada por norma ao presidente e vice quando a agência entende ser necessário, passa por instalar vidros à prova de bala em redor do candidato republicano nos comícios ao ar livre. Há também um reforço de meios tecnológicos não-especificados para proteger Trump, que enquanto presidente cobrou ao Serviço Secreto 1,4 milhões de dólares pela permanência dos agentes que o protegiam a si e à sua família nas suas propriedades.

Quanto aos meios humanos não houve indicações de reforço. Foi noticiado que, na sequência do atentado na Pensilvânia, um número indeterminado de agentes foram postos em licença, o que agravou uma situação já vista como complicada, com os profissionais a queixarem-se de enormes cargas horárias e de estarem afastados de casa até 200 noites por ano. Segundo informações obtidas pela comissão judicial da Câmara dos Representantes, o Serviço Secreto estava sobrecarregado naquela semana devido à Cimeira da NATO em Washington. Além do presidente, vice, respetivas famílias, e ex-presidentes, o Serviço Secreto tem também a responsabilidade de prestar segurança aos líderes de outros países em visita aos EUA.

O representante democrata Ro Khanna apelou para que o diretor interino da agência se dirija com urgência ao Congresso para indicar que recursos são necessários para aumentar a proteção a Trump. "Vamos atribuí-los numa votação bipartidária no mesmo dia", afirma. O problema não parece ser falta de financiamento do Serviço Secreto: o orçamento aumentou de 1,8 mil milhões de dólares, em 2014, para 3 mil milhões atualmente, tendo a folha de pessoal crescido em quase um quarto, atingindo 8100 funcionários. No entanto, o número de agentes especiais e os de uniforme – os homens e mulheres no terreno – diminuiu em várias centenas na última década. Em 2015, saíram cerca de 500, depois de um relatório do Congresso expor as falhas da agência: em 2011, um homem disparou vários tiros contra a residência principal de Barack Obama na Casa Branca; no ano seguinte, agentes admitiram ter tido uma conduta imprópria com prostitutas na Colômbia; em 2014, um homem armado com uma faca saltou a vedação da Casa Branca e conseguiu entrar na Sala Leste.

Trump responsabiliza Harris

O candidato republicano, que acusa os imigrantes haitianos de comerem os animais de estimação de Springfield, Ohio, tendo já levado a que aqueles recebessem ameaças e que o grupo de extrema-direita Proud Boys marchasse pela localidade, culpou Biden e a vice-presidente. "Ele [Routh] acreditou na retórica de Biden e Harris, e agiu de acordo com ela", disse Trump à Fox News. "A retórica deles está a fazer com que eu seja alvejado, quando sou eu que vou salvar o país, e são eles que estão a destruir o país." Ambos condenaram o incidente e têm rejeitado a violência política.

cesar.avo@dn.pt

Campanha imprevisível

DEBATE DESASTROSO
No dia 27 de junho, o presidente e candidato democrata Joe Biden, já em dificuldades nas sondagens, debate com Donald Trump e tem um desempenho que deixa o seu campo a pedir a desistência.

ATENTADO FALHADO
No dia 13 de julho, num comício na Pensilvânia, Thomas Crooks, de 20 anos, deitado no telhado de um armazém que distava cerca de 140m do candidato republicano, dispara uma arma automática, matando uma pessoa e ferindo duas com gravidade. Trump escapa com sangue na orelha direita. Segundo o FBI, a ferida pode ter sido causada por uma bala ou um estilhaço.

J.D. VANCE PARA VICE
Dois dias depois, Trump aparece na Convenção Republicana com um penso na orelha, no mesmo dia em que o senador J.D. Vance é indicado como o seu companheiro de corrida à Casa Branca.

BIDEN DESISTE
Joe Biden anuncia, em 21 de julho, que não vai recandidatar-se. O democrata de 81 anos dá o seu apoio à vice Kamala Harris.

NOMEAÇÃO DE HARRIS
Numa convenção realizada sem outras candidaturas, em 22 de agosto, Kamala Harris e o governador do Minnesota Tim Walz são nomeados candidatos à Presidência.

HARRIS VENCE DEBATE
A candidata democrata, no único debate com Trump, no dia 11, bate-o aos pontos. Sondagens refletem tendência favorável a Harris.

De supercidadão a apologista da morte de Trump

SUSPEITO Distinguido aos 25 anos pela polícia, Ryan Wesley Routh colecionou depois processos e voltou-se contra o ex-presidente republicano.

O homem suspeito de ter estado com uma Kalashnikov nas imediações do campo de golfe enquanto Donald Trump jogava, no domingo, foi acusado de dois crimes federais no dia seguinte, no mais recente capítulo de uma vida acidentada. Presente a um juiz federal em West Palm Beach, Florida, Ryan Wesley Routh, de 58 anos, terá de responder por: posse de arma de fogo por parte de um indivíduo condenado, e posse de arma de fogo com número de série apagado. Se for condenado, a pena máxima pelo crime mais grave é de 15 anos de prisão. Ao juiz, Routh disse ter um rendimento semanal de 3000 dólares, mas não disse do quê e declarou também não ter qualquer dinheiro, nem propriedades.

Natural da Carolina do Norte, Routh tem um cadastro criminal repleto. Segundo a NBC News, registos do tribunal mostram que foram apresentadas mais de 100 acusações criminais contra ele naquele Estado. Em 2002 foi acusado, em dois processos diferentes, por posse de arma de destruição maciça (uma metralhadora); do primeiro caso só é público que se declarou culpado; do segundo, a acusação foi retirada, mas declarou-se culpado de condução sem carta e sem documentos, de resistência à autoridade e de porte de arma, depois de se ter barricado num edifício. Contraste com um Ryan Routh que, aos 25 anos, foi distinguido com a designação de "supercidadão" pela delegação de Greensboro de um sindicato da polícia por ter prestado ajuda a uma mulher a defender-se de um violador, noticiou à época o jornal local, *News & Record*, segundo o diário *The Washington Post*.

Routh foi citado em várias entrevistas depois de ter ido para a Ucrânia em 2022. Queixou-se dos obstáculos de Kiev em aceitar combatentes estrangeiros – sugeriu a integração de afegãos – e da falta de liderança norte-americana.

Em 2020, na conta do Twitter de Routh, que entretanto se mudou para o Havai, mostrou-se dececionado pelo mandato de Trump, em quem tinha votado. Mas também se mostrava crítico de Biden, declarando apoiar Bernie Sanders. Num livro eletrónico por si assinado (*Ukraine's Unwinnable War*, ou seja, *A Guerra Impossível de Vencer da Ucrânia*) em 2023, lamenta ter contribuído para eleger um presidente "acéfalo" e declara: "São livres de assassinar Trump, tal como a mim, por esse erro de julgamento e pelo desmantelamento do acordo [nuclear]", numa passagem sobre o Irão.

C.A.

AFPTV / AFP

Routh numa manifestação em Kiev, em abril de 2022.

A vida noturna agora impera no antigo bastião do Estado Islâmico no Iraque

MUDANÇA Sete anos depois de os jihadistas terem sido expulsos, a cidade tem novos restaurantes, cruzeiros no Rio Tigre e parques de diversões que atraem famílias que aproveitam a nova estabilidade.

Livres do fundamentalismo islâmico, as ruas de Mossul ganham vida ao anoitecer e os moradores redescobrem a arte de se divertirem.

Se tivessem tentado fazer isto há alguns anos, o grupo de mulheres iraquianas que desfrutavam de uma noitada em Mossul teria provavelmente arriscado uma punição severa. A cidade do norte do Iraque esteve sob o domínio apertado do grupo Estado Islâmico (EI) até os jihadistas serem expulsos do seu último grande bastião iraquiano em 2017.

Sete anos depois, as ruas de Mossul ganham vida ao anoitecer e os moradores redescobrem a arte de se divertirem. Amira Taha e os seus amigos foram a um restaurante com os filhos para desfrutar da comida e da música ao vivo – com cantores – numa noite que teria sido impensável sob o domínio do EI. "Houve uma mudança enorme em Mossul", disse Taha à AFP. "Agora temos liberdade e saídas à noite como esta tornaram-se comuns" devido à "situação de segurança muito estável".

A cidade tem novos restaurantes, cruzeiros no Rio Tigre e parques de diversões que atraem famílias interessadas em aproveitar a nova estabilidade. Vestida com um fato azul elétrico, a mãe, de 35 anos explica que "as pessoas queriam abrir-se (para o mundo) e divertir-se".

Reinado de terror

No palco, três cantores iraquianos de fato e cabelos penteados para trás revezam-se para entreter os clientes com músicas *pop* iraquianas e árabes. A orquestra inclui um tocador de órgão elétrico, um violinista e um músico que toca *darbouka*, um tambor em forma de taça.

Quando os jihadistas tomaram Mossul em 2014, impuseram um reinado de puro terror. A música foi proibida, assim como os cigarros. Igrejas e museus foram saqueados e o EI organizou apedrejamentos públicos e decapitou supostos malfeitores.

Mesmo depois de Mossul ter sido retomada em 2017, numa luta destrutiva e prolongada, pelas forças da coligação iraquiana e internacional, foram necessários vários anos para que os seus cidadãos emergissem do longo período de trauma.

Bairros inteiros foram devastados e a reconstrução tornou-se um processo demorado. As minas tiveram de ser removidas antes que as casas, as infraestruturas e as estradas pudessem ser reconstruídas para permitir que centenas de milhares de pessoas regressassem ao que é hoje uma metrópole com 1,5 milhões de pessoas.

No passado, diz Taha, "as pessoas iam para casa, fechavam as portas e depois iam para a cama" por medo da insegurança. Mas agora, ao seu redor, nos relvados do restaurante, há famílias sentadas na maioria das mesas. Às vezes, homens e mulheres fumam narguilé, enquanto os filhos batem palmas e dançam.

Com vista para o restaurante há uma ponte totalmente nova que atravessa o Tigre, um símbolo orgulhoso do renascimento de Mossul.

Fazer uma aposta

Outras cidades do Iraque estão numa situação semelhante, desfrutando de um regresso à normalidade depois de décadas marcadas pela guerra, pela violência sectária, pelos raptos, pelos conflitos políticos e pelo extremismo jihadista.

Ahmed – que prefere ser identificado apenas pelo primeiro nome – abriu um restaurante chamado Chef Ahmed, o Sueco, em junho, depois de passar "metade da [sua] vida" na Suécia e de fazer uma aposta. Agora atende entre 300 e 400 clientes todos os dias, disse Ahmed à AFP. "Sempre sonhei em voltar e abrir o meu próprio negócio", diz o proprietário, que está na casa dos 40 anos. "As pessoas querem sair, querem ver algo diferente", garante.

ZAID AL-OBEIDI / AFP

Nos cafés, as pessoas jogam dominó ou às cartas e fumam narguilé.

No Ahmed's, os clientes podem escolher entre pratos inspirados nas cozinhas escandinava e europeia, além de velhos favoritos, como massas, *pizzas* e carnes grelhadas.

Khalil Ibrahim administra um parque de diversões nas margens do Rio Tigre. "A cidade passou por mudanças radicais nos últimos anos", explica. "Passámos da destruição à reconstrução."

Sexta-feira é o primeiro dia do fim de semana, e a noite é pontuada pelos gritos e risadas felizes das crianças nos carros, na roda gigante e noutras atrações. "As pessoas costumavam voltar para casa mais cedo", diz Ibrahim à AFP. "Mas agora ainda estão a chegar mesmo à meia-noite."

"Podemos respirar"

O parque de diversões foi inaugurado em 2011, mas foi "completa-

ZAID AL-OBEIDI / AFP

mente destruído" na guerra. "Começámos de novo do zero" com a ajuda de financiamento privado, explica Khalil Ibrahim.

Mas enquanto Mossul ainda emergia do pesadelo jihadista, outra tragédia se abateu sobre a cidade. Em 2019, uma centena de pessoas, a maioria mulheres e crianças, morreram quando um *ferry* que transportava famílias ao longo do rio em direção a uma ilha turística naufragou.

Hoje, porém, os barcos de recreio navegam no Tigre à noite, com os seus passageiros a ter oportunidade de admirar as luzes dos restaurantes nas margens do rio e o seu reflexo nas águas escuras.

Em pequenos cafés, os clientes jogam dominó ou cartas enquanto fumam. "Estamos confortáveis aqui. Podemos respirar. Temos o rio e isso é suficiente para nós", diz o tarefeiro Jamal Abdel Sattar. "Algumas lojas ficam abertas até às 3.00 da manhã e outras nunca fecham", acrescenta. "Quando as pessoas sentiram pela primeira vez o gostinho da segurança, começaram a sair de novo."

DN/AFP

Quatro líderes do EI mortos em agosto

O Exército americano anunciou a morte de quatro dirigentes do grupo extremista Estado Islâmico (EI), no oeste do Iraque, numa operação realizada em coordenação com as forças de segurança iraquianas, no final de agosto e agora divulgada. "Esta operação teve como alvo os líderes do EI e perturbou e diminuiu a capacidade do EI para organizar e conduzir operações", disse o Comando do Médio Oriente (Centcom) das Forças Armadas americanas, acrescentando que um total de 14 membros do EI foram mortos no ataque de 29 de agosto. O Centcom indicou que os quatro dirigentes mortos foram Ahmad Hamid Hussein Abd-al-Jalil al-Ithawi, chefe das operações no Iraque; Abu Hammam, chefe das operações no Iraque ocidental; Abu-Ali al-Tunisi, chefe do desenvolvimento técnico; e Shakir Abud Ahmad al-Issawi, chefe das operações militares no Iraque ocidental.

Israel distribui armas a equipas de defesa civis

TENSÃO Governo comunicou a EUA que hipótese de acordo com Hezbollah "está a desaparecer" devido a "ligações" com Hamas.

Israel vai distribuir cerca de 9000 espingardas de assalto às equipas civis de defesa no norte do país, no meio de uma escalada com o grupo xiita libanês Hezbollah, anunciou o Ministério da Defesa. Em comunicado, este disse ter investido cerca de 50 milhões de shekels (13 milhões de euros) em espingardas *Arad* de fabrico israelita.

As armas serão distribuídas a 97 "equipas de resposta rápida" em várias comunidades do norte do país. Também está em curso uma segunda fase de rearmamento para equipar as comunidades nos montes Golã sírios ocupados.

Cerca de 120 equipas civis no norte estarão totalmente equipadas quando terminar a fase de rearmamento.

As "equipas de resposta rápida", como Israel lhes chama, são unidades civis que operam em coordenação com o Exército em várias comunidades, incluindo alguns colonatos judaicos na Cisjordânia.

RABIH DAHER / AFP

Na fronteira com o Líbano, o fogo tem sido constante entre Israel e o Hezbollah.

Durante o ataque do Hamas de 7 de outubro de 2023, que fez cerca de 1200 mortos e 251 reféns, vários membros das equipas civis, na altura mal equipadas, foram mortos na defesa das comunidades fronteiriças.

Desde então, as autoridades israelitas rearmaram estes grupos e alargaram a iniciativa ao norte, onde o constante fogo cruzado com a milícia xiita pró-iraniana Hezbollah, que opera no sul do Líbano, ameaça escalar para um conflito aberto.

O ministro da Defesa de Israel comunicou entretanto aos EUA que a possibilidade de um acordo para pôr fim aos confrontos com o Hezbollah "está a desaparecer" devido às "ligações" com o Hamas. Em conversa com o homólogo americano, Lloyd Austin, Yoav Gallant destacou a necessidade de pôr fim à ameaça representada pelo Hezbollah e de conseguir o regresso dos deslocados às suas casas no norte de Israel, ao mesmo tempo que reiterou que Israel continuará a trabalhar para "destruir o Hamas e libertar os raptados" a 7 de outubro.

DN/LUSA

Rússia ordena mais evacuações em Kursk

GUERRA Decisão visa garantir a segurança de residentes nas zonas fronteiriças.

As autoridades russas ordenaram ontem a evacuação obrigatória das localidades fronteiriças com a Ucrânia em mais dois distritos em Kursk, durante a contraofensiva das forças de Moscovo para tentar repelir a invasão das tropas ucranianas na região.

O governador de Kursk, Alexei Smirnov, indicou no Telegram que se tratam de localidades nas imediações da linha de fronteira ao longo de uma faixa de 15 quilómetros.

A decisão foi tomada para garantir a segurança dos residentes nas zonas fronteiriças dos distritos de Rilsk e Khomutovski, que ficam a poucos quilómetros da zona de combate.

O Exército russo lançou uma contraofensiva na semana passada para expulsar as tropas ucranianas de Kursk, que partilha centenas de quilómetros de fronteira com o país vizinho.

O presidente Vladimir Putin, decretou entretanto que o Exército russo terá de ter 1,5 milhões de soldados, incluindo pessoal administrativo, até 1 de dezembro, 180 mil mais do que atualmente. A decisão de Putin é a terceira que toma nesse sentido desde o início da guerra na Ucrânia, em fevereiro de 2022. O presidente ordenou já ao Governo que atribua verbas do Orçamento para pôr em prática o aumento.

DN/LUSA

Análise
Germano Almeida

J.D. Vance nem sequer disfarça

O que será da Ucrânia se Donald Trump ganhar em novembro? A acreditar no que explicou o seu candidato a vice, J.D. Vance, em entrevista ao *podcast* "The Shawn Ryan Show", o plano de uma futura Administração Trump passa pela promoção de uma espécie de zona tampão, supostamente desmilitarizada, em cima da atual linha de contacto na frente leste, que permitiria, na prática, que a Rússia ocupasse, pela via do congelamento do conflito, 20% do território ucraniano.

Vance mostrou-se sempre muito mais preocupado em atender às exigências da Rússia de Putin, ao deixar claro que a Ucrânia "teria de abdicar das intenções de entrar na NATO e em outras organizações do género" (não especificou se estava a referir-se à UE). O senador J.D. do Ohio foi particularmente insistente nesse ponto: "A Ucrânia teria de aceitar a neutralidade."

Ver J.D. Vance nessa entrevista faz-nos ficar com muito poucas dúvidas: o foco da candidatura Trump estará em responder a grande parte das exigências de Putin, sob a capa de serem os promotores da paz no Leste da Europa. A grande vítima será a soberania e a integridade territorial da Ucrânia.

O mais irónico é que J.D. Vance até se referiu, nessa entrevista, à soberania da Ucrânia. O problema é que, por omissão, e se atendermos, ao pormenor, ao que o candidato a vice de Trump propõe, fica implícito que Vance entende "a soberania da Ucrânia" como o que restará do congelamento decorrente do acordo que Donald Trump promoveria (imporia?) aos ucranianos.

Ou seja: a Ucrânia continuaria a existir, sim, mas com cerca de 80% do que é hoje. Tudo isto com o beneplácito de uma futura Administração Republicana em Washington.

Em contrapartida, a Ucrânia receberia garantias de que a Rússia não atacaria para lá da tal *buffer zone* desmilitarizada, através de uma suposta fortificação (que J.D. Vance nem sequer se preocupou em tentar explicar, apesar da aparente contradição que parece ser a de fortificar uma zona desmilitarizada).

Ucrânia como um "problema europeu"

A toda esta lógica proposta por J.D. Vance preside uma ideia especialmente preocupante para nós, europeus: a de que a agressão russa da Ucrânia "é um problema essencialmente europeu". "Trump sentaria russos, ucranianos e europeus e diria: vocês, rapazes, têm de encontrar uma forma de chegar ao acordo de paz. Perceber como poderá ser esse acordo de paz e entenderem-se", insistiu Vance.

É preciso ter a verdadeira noção do que isto pode representar.

Até agora, o apoio dos EUA tem sido absolutamente crucial para a resistência ucraniana. Trump e Vance preparam-se para remeter a questão para a responsabilidade da Europa – sabendo que isso poderá provocar a primeira grande divisão entre os países da UE, desde 24 de fevereiro de 2022.

Como reagiria a Alemanha de Scholz a esta espécie de "paz miserável", em forma de capitulação da Ucrânia? Enfraquecido internamente, a ver a extrema-direita e também a nova extrema-esquerda, ambas pró-russas e antiajuda à Ucrânia, a crescer perigosamente, o chanceler alemão fala em "começar a reduzir o apoio militar a Kiev" e em "acelerar as condições para um futuro acordo que trave a guerra". Scholz até falou, recentemente, na necessidade de "voltar a falar com Putin, quando isso surgir como possível".

Seria um "acordo Trump" a primeira grande fratura entre Berlim e Paris no que toca à proteção da Ucrânia? Putin e Trump sabem que 2025 será um ano de Eleições Legislativas numa Alemanha em crise política, económica e social.

Em França, Macron – que pretendia assumir-se como o grande esteio europeu da travagem da ameaça russa – poderia voltar a ter uma oportunidade de emergir como o grande defensor da Democracia Liberal no espaço europeu, perante o avanço da autocracia imperialista russa. Só que, desta vez, sem respaldo de Washington – como até agora teve com Biden e Blinken –, ainda mais divorciado de Berlim e com um profundo problema político interno (basta ver como a sua solução Barnier para Matignon tem tudo para criar mais problemas que soluções).

Trump tem repetido que, com ele na Casa Branca, 'a guerra na Ucrânia terminava em 24 horas'. Ora, essa afirmação parece sustentar o plano antecipado por Vance – forçar a Ucrânia à cedência dos territórios ocupados, levar Putin a parar uma agressão mais generalizada a outras áreas ucranianas."

E Trump: concorda mesmo com Vance?

Nunca se sabe muito bem o que Donald Trump realmente pensa.

O que para outros seria visto como *flip-flop*, pensamento errático ou indefinição inaceitável, para ele surge como vantagem estratégica: a todo o momento pode decidir uma mudança de posição, em função das necessidades momentâneas.

Trump tem repetido que, com ele na Casa Branca, "a guerra na Ucrânia terminava em 24 horas". Ora, essa afirmação parece sustentar o plano antecipado por Vance – forçar a Ucrânia à cedência dos territórios ocupados, levar Putin a parar uma agressão mais generalizada a outras áreas ucranianas.

Ainda que com *nuances* a acertar, o que parece estar a desenhar-se, no caso de Trump vencer em novembro, é uma espécie de conjugação entre esta via de "*buffer zone*" na linha de contacto com outros planos mais generalistas, como o da China ou o do Brasil – todos, em traços gerais, apontam para uma paz baseada na cedência da Ucrânia e na premiação do invasor pela agressão feita.

As consequências para a estabilidade internacional são inimagináveis. São mesmo. A partir daí, os países mais fortes que desejem tomar partes dos vizinhos mais fracos sentir-se-ão legitimados a ousar uma agressão.

A China está, obviamente, atenta. E Taiwan tem fortes razão para estar preocupada.

Especialista em Política Internacional

Viktor Gyökeres é um dos leões estreantes na *Champions*.

FILIPE AMORIM / LUSA

LIGA DOS CAMPEÕES
1.ª JORNADA

HOJE
Juventus-PSV (17.45)
Young Boys-Aston Villa (17.45)
AC Milan-Liverpool (20.00)
B. Munique-D. Zagreb (20.00)
Real Madrid-Estugarda (20.00)
SPORTING-Lille (20.00) - Sport TV5

AMANHÃ
Bolonha-Sh.Donetsk (17.45)
Sp. Praga-RB Salzburgo (17.45)
Celtic-S. Bratislava (20.00)
C. Brugge-B. Dortmund (20.00)
M. City-Inter Milão (20.00)
PSG-Girona (20.00)

QUINTA-FEIRA
Estrela Vermelha-**BENFICA** (17.45) - Sport TV5
Feyenoord-B. Leverkusen (17.45)
Atalanta-Arsenal (20.00)
Atl. Madrid-RB Leipzig (20.00)
Brest-Sturm Graz (20.00)
Mónaco-Barcelona (20.00)

* Todos os jogos com transmissão na Eleven Sports

Sporting recebe Lille e Amorim trava euforias: "Vencer a Liga dos Campeões é viajar muito longe"

UEFA Técnico do Sporting desvaloriza inexperiência do plantel e considera até que está "mais preparado" do que na época anterior. A ambição é ir o mais longe possível, mas sem falsas ilusões.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O Sporting estreia-se hoje na nova Liga dos Campeões diante do Lille (20.00 horas), no Estádio José Alvalade. E, apesar de Rúben Amorim considerar que os leões têm hoje mais condições de passar à fase seguinte do que tiveram nas últimas épocas em que jogaram a prova, o histórico com equipas francesas é equilibrado. Dos 22 jogos oficiais, os leões venceram nove, empataram cinco e perderam oito.

"Queremos jogar bem e ter mais protagonismo. O objetivo é passar à fase seguinte, ganhar jogos, jogar melhor e valorizar toda a gente aqui (...). O nosso objetivo é sermos bicampeões, ir longe na Liga dos Campeões, vencer a Taça de Portugal e a Taça da Liga", disse o treinador leonino, que vai orientar o Sporting na rainha do futebol europeu pela terceira vez nas últimas quatro épocas (em 2021-22 ficou pelos oitavos-de-final e em 2022-23 pela fase de grupos).

Além de sentir a equipa "mais preparada" do que no ano de estreia, sabe que "expectativas dos adeptos estão muito altas" e é preciso manter a moral das bancadas nesse nível, porque haverá momentos em que eles precisarão de puxar pela equipa e ajudar a ganhar jogos. Mas Amorim não se ilude: "Vencer a Liga dos Campeões é viajar muito longe. Não faço ideia se vamos ganhar ou perder jogos, sei é que estamos mais preparados para jogar na *Champions*."

Amorim sabe que tem um plantel com 12 jogadores que nunca disputaram a principal competição europeia de clubes, mas é preciso olhar "caso a caso" e há dois novatos que estão mais do que preparados para os palcos principais: o capitão Morten Hjulmand e o melhor marcador da equipa, Viktor Gyökeres.

Questionado sobre a importância do desempenho do sueco numa competição como a Liga dos Campeões, em que as vitórias valem 2,1 milhões de euros (menos 700 mil que em 2023-24), o técnico frisou que, acima de tudo, não quer que o avançado se sinta "pressionado para fazer três golos por jogo", mas já lhe disse que ele tem de "melhorar aspetos como a abordagem defensiva".

O bolo global de prémios atribuídos pela UEFA cresceu, mas o modelo de distribuição foi alterado, com prejuízo para as equipas portuguesas. O Sporting recebe apenas 18,6 milhões pela presença contra os 27 milhões de euros da última vez.

O Lille deixou pelo caminho os turcos do Fenerbahçe e os checos do Slavia de Praga até entrar na *Champions*. "É uma equipa muito forte, muito dotada taticamente, tem um grande avançado, três centrais muito rápidos. Será um jogo de espelhos porque eles atuam daquela maneira de jogo partido e nós não. Temos de tentar guardar a bola e empurrar o adversário", analisou Amorim, que não conta com Eduardo Quaresma "para este e para os próximos jogos" devido a uma entorse.

O sonho de um sueco

Viktor Gyökeres confessou que, tal como muitos outros jogadores, sempre teve o "sonho de jogar na Liga dos Campeões", mesmo que seja num formato inédito e numa espécie de Campeonato Europeu a 36. Sobre as ambições na prova, o sueco quer "ganhar todos os jogos" e ver "quão longe" esses triunfos levarão a equipa. Apesar dos oito golos em cinco jogos na I Liga, Gyökeres não se sente a 100%: "Não estou perfeito, posso melhorar, mas sinto-me muito bem."

Segundo ele, se continuar a "jogar muito bem" na Liga dos Campeões, é normal que se torne ainda mais conhecido na Europa do futebol e que isso faça aumentar o valor das propostas com vista a uma transferência.

E, ao contrário do que o treinador e o presidente do Sporting têm defendido, o avançado acha que o valor da cláusula de rescisão, "100 milhões de euros, é muito" e por isso não saiu de Alvalade este verão: "Estou muito feliz no Sporting, não é problema para mim ficar. O meu valor é o meu valor, veremos qual é quando acontecer alguma coisa."

isaura.almeida@dn.pt

Pany Varela marcou e fechou as contas da vitória da seleção no jogo 100 de quinas ao peito.

10-1. A maior goleada de Portugal em Mundiais

FUTSAL Seleção venceu o Panamá e deu um salto de gigante rumo ao apuramento para a fase a eliminar. André Coelho e Afonso Jesus bisaram.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Foi um jogo com pouca história e que acabou por ser a maior goleada de Portugal num Mundial de Futsal. A seleção nacional venceu o Panamá, por 10-1, no encontro da 1.ª jornada do Grupo E e ficou à beira do apuramento para a fase a eliminar.

Jaime Penaloza (5 minutos, na própria baliza), Afonso Jesus (6' e 16'), Bruno Coelho (8'), Tomás Paço (11'), Erick Mendonça (12'), André Coelho (17' e 29'), Kutchy (20') e Pany Varela (37') marcaram os golos de Portugal, enquanto Alfonso Maquensi (35') fez o único golo do Panamá, de penálti. Golos que ajudaram os portugueses a fazer história, uma vez que além de igualarem a sua maior diferença de golos num jogo de um Campeonato do Mundo permitiram a primeira vitória com dois dígitos no marcador.

Como se não bastasse à frágil seleção do Panamá enfrentar o Campeão Mundial em título, o primeiro golo de Portugal chegou aos cinco minutos e marcado por um panamiano. Jaime Penaloza foi infeliz, mas mais não fez do que mostrar o caminho para a baliza. No final da primeira parte, os portugueses já ganhavam confortavelmente por 8-0.

No segundo tempo, a seleção esteve quase 10 minutos sem marcar, mas conseguiu-o. Primeiro por André Coelho e depois por Pany Varela, que fechou as contas com um belo golo de calcanhar, em 10-1, no dia em que cumpriu a 100.ª internacionalização. "Era um número que ambicionava. Estou feliz e orgulhoso por ter representado Portugal tantas vezes, mas muito mais importante que esses números é a vitória da nossa seleção, que era o objetivo", confessou o jogador do Al Nassr à Sport TV.

Dos sete marcadores diferentes, destaque para Afonso Jesus e André Coelho, que bisaram na partida de estreia de André Correia, Kutchy e Lúcio Rocha em Mundiais.

"Entrámos muito bem, a fazer o que tínhamos de fazer, explorando o espaço que o Panamá poderia abrir. Foi uma entrada à Portugal no primeiro jogo do Mundial", atirou o selecionador Jorge Braz, olhando já para o adversário da próxima quinta-feira (16.00, RTP1). "O Tajiquistão vai apresentar um nível superior, com uma equipa e estruturas de jogo diferentes. Vão ser jogos distintos, mas nós vamos estar preparamos. Conseguimos estes três pontos, queremos os próximos", avisou o técnico, que espera resolver a questão do apuramento antes de enfrentar Marrocos (dia 22, às 13.30, RTP1) no último jogo da fase de grupos.

Ainda ontem, no Grupo E de Portugal, a seleção marroquina bateu o estreante Tajiquistão (4-2). No Grupo F, o Irão bateu a Venezuela (7-1) e a França ganhou à Guatemala (6-3).

isaura.almeida@dn.pt

> Portugal é detentor do troféu e procura um inédito Bicampeonato Mundial, para juntar aos dois títulos Europeus que já tem.

Seleção masculina venceu EUA e a equipa feminina fez o mesmo com a Colômbia

HÓQUEI EM PATINS Portugal entrou da melhor forma nos Mundiais que decorrem em Itália.

Dois triunfos nos jogos de estreia de Portugal nos Mundiais de Hóquei em Patins. A seleção masculina venceu ontem os Estados Unidos, por 10-2, na primeira jornada do Grupo A do Mundial, na cidade italiana de Novara.

João Rodrigues, com quatro golos, Gonçalo Alves, com três, Gonçalo Pinto, com dois, e Vieirinha assinaram os tentos da goleada da seleção lusa, que chegou ao intervalo a vencer por 3-0, tendo os norte-americanos reduzido no início da segunda parte, com um bis de Alec Moyer.

Hoje, às 17.30, os comandados de Paulo Freitas, que procuram o 17.º cetro Mundial, cinco anos depois do último, defrontam Angola, que ontem perdeu, por 7-1, com a Argentina, detentora do título e adversária de quarta-feira.

Apuram-se para os quartos-de-final os três primeiros de cada uma das duas *poules*. O Grupo B é constituído por Espanha, 17 vezes Campeã do Mundo, Itália (quatro), França e Chile.

"Paciência" deu resultado

Também ontem, a seleção feminina estreou-se com um triunfo, frente à Colômbia, por 5-0, na primeira jornada do Grupo A do Mundial Feminino de Hóquei em Patins, que também se está a disputar em Novara, em Itália.

Inês Severino colocou Portugal em vantagem aos 22 minutos, com Leonor Coelho (35'), Joana Teixeira (40'), Raquel Santos (42') e Ana Patrícia Fernandes (46') a confirmarem o triunfo. A mais jovem da equipa portuguesa, Ana Patrícia Fernandes, de apenas 16 anos, confirmou o triunfo, aos 46 minutos, numa execução primorosa de um livre direto.

Até final, Portugal dispôs de muitas oportunidades para aumentar a vantagem, mas acabou por não ser feliz na finalização.

"Foi uma vitória difícil. Os números não expressam a dificuldade que tivemos, o segredo esteve na paciência. A equipa foi paciente, não se enervou e estávamos avisadas de antemão para a qualidade desta Colômbia. Estou muito orgulhoso e satisfeito com a postura e maturidade que estas jogadoras mostraram em campo", elogiou Hélder Antunes, selecionador de Portugal.

Terceira classificada no último Mundial, a equipa portuguesa tem hoje a França como adversária, que ontem defrontou a Argentina, Campeã do Mundo em título.

DN/LUSA

Inês Severino marcou um dos golos de Portugal à Colômbia.

A medalha em Berlim1936 e a história do autógrafo de Hitler e da assinatura de Owens

MEMÓRIA Domingos Coutinho recordou conquista do avô, o 4.º Marquês do Funchal, nos Jogos Olímpicos que marcaram uma era e mostrou ao DN parte do espólio herdado e que contempla um diploma com selo do III Reich.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Domingos Coutinho não consegue segurar a emoção quando recorda o avô, Domingos de Sousa Coutinho, o 4.º Marquês de Funchal e um dos cavaleiros medalhados nos Jogos Olímpicos Berlim1936. A Medalha de Bronze conquistada pelo então coronel da Cavalaria do Exército na prova de obstáculos por equipas é hoje um "pedaço de história" do espólio pessoal do neto, que é Tetra Campeão Nacional de carros clássicos de velocidade ao volante de um BMW 2800 CS.

Descendente do rei D. João VI e com ligações familiares aos condes de Linhares, Dom Domingos António de Sousa Coutinho nasceu em 1896 e morreu em 1984. Teve 13 filhos, um deles Agostinho, o primogénito e pai de Domingos Coutinho, que também herdou o título monárquico e se lembra bem das férias na quinta, em Évora, onde chegou a montar um dos cavalos vencedores do avô, o *Ebro*.

"O avô era muito independente e de espírito livre, dizia que gostava dos jovens e que os jovens gostavam dele. Depois de ficar viúvo, ganhou gosto por viajar sozinho e de surpresa, mesmo com 80 anos, pregando alguns sustos à família. Quando alguém da família não sabia dele ligava para a agência de viagens, a que recorria sempre, a perguntar se o Sr. Marquês não tinha feito uma reserva. Era assim que sabíamos onde andava", contou ao DN o neto, que se lembra de ele dizer que ia comprar cavalos.

E ia. Era ele que tinha a missão de escolher os cavalos que o Ministério do Exército iria comprar e colocar à disposição dos cavaleiros-atletas, que desde 1924 ganhavam medalhas nos Jogos Olímpicos. Foi ele que descobriu o *Merle Blanc* que o acompanhou em Berlim1936, uns Jogos que rentabilizou com uma Medalha de Bronze e recordações que hoje são "pedaços de história", como uma fotografia de Adolf Hitler assinada pelo próprio e um diploma carimbado com o selo branco do *III Reich*.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Domingos Coutinho exibe a Medalha Olímpica do avô.

Berlim1936 marcou o regresso da Alemanha ao cenário desportivo mundial, após a derrota na Primeira Guerra Mundial e coroou Jesse Owens. O norte-americano enfrentou o líder do Partido Nacional Socialista alemão, ao conquistar quatro títulos olímpicos, nos 100 e 200 metros, 4x100 metros e salto em comprimento, com máximos mundiais e derrotando adversários arianos, raça considerada superior por Hitler, que se recusou a entregar as medalhas ao Campeão Olímpico.

A assinatura de Owens no caderno dos atletas tornou-se assim outra das relíquias do precioso espólio da família Coutinho, que cedeu a Medalha de Bronze em Saltos de Obstáculos por Equipas, juntamente com Mena e Silva e José Beltrão, ao Museu do Desporto.

Inovador e à frente do seu tempo, nesses jogos de Berlim 1936, Domingos de Sousa Coutinho promoveu a captação de um conjunto de imagens e posteriormente realizou um pequeno filme sobre a participação dos cavaleiros portugueses e o desfile no Estádio Olímpico de Berlim.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

A fotografia de Adolf Hitler com o respetivo *autógrafo* que faz parte do espólio pessoal de Domingos Coutinho.

ARQUIVO DN

Domingos de Sousa Coutinho em ação numa prova, em 1936.

O cavaleiro ainda participaria em mais quatro Jogos depois de Berlim, mas como dirigente, depois de em 1951 entrar para o Comité Olímpico de Portugal e ter chefiado a Missão Portuguesa em Helsínquia1952 (históricos pela primeira presença feminina), Roma1960 e Tóquio1964, além de coadjuvar em Munique1972, deixando um legado difícil de igualar.

Poucos descendentes optaram pela prática desportiva de competição, mas ele teria gostado de saber que o bisneto Rodrigo Torres e o seu cavalo *Fogoso* representou o hipismo português em Tóquio2020 e marcou a competição com uma exibição ao som de Pink Floyd.

Já o neto Domingos gosta de outro tipo de cavalos. No caso 2800, a potência do seu BMW de competição.

Nascido em Luanda, onde o pai trabalhava como engenheiro, profissão que iria seguir, praticou natação, vela e andebol, mas em 1975 veio para Portugal e optou pelos estudos. Depois de curar uma tuberculose ainda jogou um ano no FC Porto e venceu uma Taça de Portugal, mas não se ganhava dinheiro com andebol e ele optou pela Engenharia Civil até descobrir a paixão pela velocidade e os automóveis.

"Comecei no *Karting* e ainda fui representar Portugal num Mundial na Malásia. Em 2005 comprei um BMW de competição e já fui quatro vezes Campeão Nacional de Clássicos de Velocidade", contou o engenheiro civil, que não esconde o orgulho de ser neto do "Sr. Marquês, uma pessoa encantadora, mas com disciplina militar".

isaura.almeida@dn.pt

Sabrina Carpenter e a nova geração da *pop* têm uma arma secreta: Amy Allen

MÚSICA A compositora por trás dos sucessos de verão *Espresso* e *Please Please Please* está a ajudar a impulsionar um momento único nos êxitos do *Top*-40.

TEXTO **JOE COSCARELLI**, EXCLUSIVO *THE NEW YORK TIMES*

A compositora diz ter escrito uma média de sete canções por semana, todas as semanas, durante os últimos sete anos.

Alguns palavrões bem lançados podem fazer brilhar uma canção *pop*. Mas poucos na memória recente tiveram o estalido potencialmente transformador de carreira daquele deixado no ar por Sabrina Carpenter, uma antiga estrela do Disney Channel, em *Please Please Please*, a sua mistura de Dolly Parton-*meets*-Abba que se tornou um êxito-surpresa n.º 1 este verão.

"O desgosto é uma coisa, o meu ego é outra", Carpenter vibra, antes de um apelo a um novo namorico: "*I beg you, don't embarrass me, little sucker*" – exceto que em vez de "*little sucker*" (a edição radiofónica), ela rima com uma palavra imprimível de quatro sílabas de carinho linguístico, baixando a voz e tornando-a melosa num atrevimento parolo.

Carpenter vende. Mas teve ajuda – uma voz brincalhona e desbocada no seu ouvido, insistindo que uma estrela *pop* hoje em dia poderia muito bem fazer com que Dolly passasse por uma atualização de sistema compatível com o TikTok, ou inserir uma frase dadaísta como "*that's that me espresso*" – algo como "esse é o meu expresso" – no léxico cultural.

"Há cinco anos, eu nunca teria pensado que estava tudo bem", disse Amy Allen, a compositora de sucesso creditada em *Please Please Please*, juntamente com *Espresso* e todas as outras faixas do álbum de sucesso de Carpenter, *Short n' Sweet*, que no início do mês estreou no topo da tabela da *Billboard*. Mas o *Top*-40, em grande parte graças a Allen, está a entrar numa era de peculiaridade muito necessária, em que os solavancos regulares do inesperado estão a atravessar o conteúdo lamacento dos cérebros.

"Agora sinto-me assustada com coisas genéricas que soam como um número 1", disse Allen, 32 anos, que conseguiu o seu primeiro êxito no topo das tabelas, *Without Me*, de Halsey, há cinco anos. "Os ouvintes estão a ficar cada vez mais espertos", acrescentou. "Querem que algo seja estranho, que algo seja realmente cativante e inesperado numa letra ou numa melodia. Os dias da *pop* muito polida estão a desaparecer."

Hoje Allen é uma figura incontornável nos bastidores da Lista A da *pop*, depois de anos a trabalhar em todos os recantos do labirinto da indústria. Foi uma aspirante de uma pequena cidade nos cafés e bares de Windham, Maine; uma estudante de Enfermagem do Boston College e concorrente sem sucesso no *The Voice*; uma transferência do Berklee College of Music à frente de uma banda de *pop-rock* em busca de um contrato discográfico; uma perspetiva de uma grande editora como artista a solo; e hoje, uma cantora e compositora *indie* que lançou o álbum de estreia homónimo no passado dia 6.

Ao longo do caminho, Allen tornou-se a escritora da *pop* do momento, a que dá o tom a partir dos bastidores, com a ambição de se juntar a uma linhagem com vários graus de capacidade de permanência, reconhecimento do nome e marca sonora que inclui Max Martin, Dr. Luke, Esther Dean, Sia, The-Dream, Benny Blanco, Julia Michaels e muitos outros que nunca saíram das sombras.

Em relativo anonimato, Allen escreveu canções para e com Selena Gomez, Lizzo, Olivia Rodrigo, Justin Timberlake, Shawn Mendes e outros, ganhando um *Grammy* de Álbum do Ano pelo seu trabalho em *Harry's House*, de Harry Styles, e conseguindo uma nomeação para Compositora do Ano, por faixas com *King Princess* e Charli XCX, na cerimónia de 2023. (O prémio foi atribuído a Tobias Jesso Jr., outro cantor e compositor *indie* que se tornou um *hitmaker*).

As impressões digitais musicais de Allen, juntamente com o seu perfil público, tinham permanecido quase invisíveis até se terem fundido numa marca inconfundível e bem-vinda no brilho superficial da música *mainstream*: os êxitos iniciais de Carpenter (*Feather*) e Tate McRae (*10:35* com Tiësto) eram açucarados com uma mordacidade subtil ("*Os teus sinais são contraditórios, ages como uma cabra / encaixas em todos os estereótipos, Manda uma foto*"). Estes abriram espaço para avanços mais estra- nhos e com sons graves, como *Greedy* de McCrae, e *Espresso* e *Please Please Please* de Carpenter, que tornaram a *pop* (nomeadamente a branca) novamente efervescente.

> Allen tende a escrever as suas próprias canções melancólicas à mão, num caderno, como poemas, começando pelo verso.

"Ela é obviamente uma mestre da *pop*, mas o seu objetivo é fazer sempre algo um pouco mais único", disse Ethan Gruska, compositor e produtor que trabalhou com Allen na sua música a solo. "O que é fixe é que, por vezes, na esfera do *Top*-40 da *pop*, se for esse o seu instinto, as pessoas sentem a necessidade de a tornar mais simples. Mas ela simplesmente entra e segue o seu instinto."

Gruska destacou o sentido de "contorno melódico" de Allen – a forma como ela tece notas inesperadas e salta intervalos criando algo com uma "forma invulgar" – citando o refrão de *Please Please Please*. "Essa é uma melodia muito própria da Amy", expli-

ADALI SCHELL / THE NEW YORK TIME

ca. "Porque é da Amy que falamos, esse tipo de modulações são permitidos."

Os dois lados profissionais de Allen são distintos, mas complementares. Inspirada pelas "raparigas dos Anos 90" – Sheryl Crow, Alanis Morissette, Melissa Etheridge – e também pelos Cocteau Twins e Edie Brickell, Allen tende a escrever as suas próprias canções melancólicas à mão, num caderno, como poemas, começando pelo verso. Quando escreve para outros, é mais poupada, normalmente escrevendo num iPhone e começando pelo refrão (porque senão qual é o sentido?).

Mas ambos os tipos de composição colaborativa começam frequentemente com a mesma competência não musical: coscuvilhar sobre a vida pessoal de cada um ou, na linguagem da indústria, ser "bom a trabalhar a sala".

O facto de Allen ter tido a oportunidade de escrever um álbum inteiro ao lado de Carpenter não era um dado adquirido, e a sua ascensão como compositora reflete, em muitos aspetos, o recente arco da sua profissão.

No início, Allen teve sucesso

> Amy Allen escreveu canções para e com Selena Gomez, Lizzo, Olivia Rodrigo, Justin Timberlake, Shawn Mendes e outros.

através de músicas de apresentação – *demos* escritas e gravadas com produtores que eram depois vendidas a vários artistas que podiam criar a sua própria versão. "Eu não estava na sala com os artistas", explicou. Grande parte do trabalho consistia em manter-se invisível, permitindo que as narrativas das estrelas *pop* vendessem a canção aos fãs.

Mas o sucesso de faixas como *Back to You*, de Selena Gomez, o primeiro êxito de Allen no *Top*-40, e *Without Me*, de Halsey, levou Allen para um escalão superior, à medida que mais estrelas *pop* percebiam que ela devia participar na criação dos seus êxitos. Allen fala na desmistificação contínua da escrita de canções *pop* através do *streaming*, da cultura *stan* (fãs devotos) e dos meios de comunicação social que puxam a cortina – e a pandemia, que retirou os artistas da estrada (cortando assim um fluxo de rendimentos).

Passar tempo em estúdio com Mendes e Styles "mudou tudo, para mim, em termos do que significa ser compositora e quanto disso passa por estudar o artista com quem se está a trabalhar", disse Allen. "Há mais longevidade se o fizermos com o artista e descobrirmos como contar a história desse artista enquanto também contamos a nossa. E, obviamente, se foi uma coisa que eles ajudaram a criar, então estarão mais animados para o promover."

A especificidade do seu trabalho com Carpenter só pode ter vindo de uma ligação real, trabalhada ao longo do tempo, a habilitação que acontece entre amigos para serem cada vez mais idiossincraticamente eles próprios.

O resultado, como em *Please Please Please*, são frases com uma viscosidade desequilibrada – "*I might let you make me Juno*", diz outro refrão, aludindo ao filme homónimo que há quase 20 anos falava sobre a gravidez na adolescência – que "seria impossível escrever numa sessão e apresentar a um artista", disse Allen.

Nem todas as canções que saem do estúdio são um êxito. Apesar do seu calor, a receção ao trabalho de Allen no álbum de regresso de Justin Timberlake, *Everything I Thought It Was*, foi morna, e os seus *singles* não conseguiram brilhar. "Tudo tem de se alinhar perfeitamente para que algo seja um sucesso", disse Allen. "Muito está fora das nossas mãos."

A compositora diz ter escrito provavelmente uma média de sete canções por semana, todas as semanas, durante os últimos sete anos. "Mas quando estamos a falar de grandes êxitos foram, o quê, seis?" "A média de sucessos não é grande. Mas é o suficiente para ter uma carreira."

Isso também retira a pressão do trabalho de Allen enquanto artista, uma saída pessoal que agora lhe permite "sacudir a grande e assustadora máquina da música *pop* sem ter de competir de forma alguma". Em resultado, a sua estreia a solo, que foi preparada durante cerca de cinco anos, não tem grandes refrães ou letras engraçadas, optando por uma paleta alternativa de cantora e compositora, como Phoebe Bridgers a fazer um *Folklore* mais poupado.

"É muito bom para o meu cérebro trabalhar a essas duas velocidades", explica Allen. "Acho que, ao assumir tantas emoções de outras pessoas todos os dias, a toda a hora, quase me esqueço que tenho os meus próprios problemas para resolver."

Allen também está ciente dos riscos de ser uma tendência, observando que, além de Diane Warren, "não há muitas mulheres que tenham grande longevidade como compositoras, o que é perturbador", disse ela. "Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para quebrar esse estereótipo".

"Eu nunca reivindicaria ter um superpoder, mas se apontasse algo verdadeiramente útil em mim seria que o meu estilo é bastante subtil", acrescentou. "Não me parece que vá chegar uma altura em que as pessoas estejam a ouvir vários géneros diferentes na rádio e pensem: 'Oh, outra canção da Amy Allen'."

Emma Ozores e Juan Meseguer na representação de *El Regalo de Zeus* no Teatro Romano de Mérida.

Mostra Espanha traz a Lisboa o divertido *El Regalo de Zeus*

CAPITÓLIO A peça, que nos revela um Olimpo muito especial, fez sucesso na edição de 2023 do *Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida*.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Emma Ozores descreve a peça teatral *El Regalo de Zeus* (*O Presente de Zeus*) como "um grande espetáculo onde se junta dança, circo, imagens em 3D e muita diversão, tudo passado no Olimpo". Trata-se, como dá para perceber pelas palavras da atriz espanhola, de um Olimpo muito especial, "porque dois humanos vão até lá, e encontram-se com os deuses, com as musas, e tudo isto em tom de comédia porque, de repente, ouve-se um telemóvel, trazido pelos visitantes, e começa a falar Alexa, a Inteligência Artificial. E, eu, que sou a musa da comédia, tal como a minha irmã, a musa da tragédia, e Zeus, o nosso pai, não sabemos o que é um telemóvel e isso gera situações muito engraçadas".

A conversa com a atriz, um nome muito conhecido em Espanha, foi por Zoom, pois Emma Ozores ainda estava a caminho de Lisboa, onde quinta-feira, no Capitólio, às 20.00 horas, será representado este *El Regalo de Zeus*, integrado na programação da *Mostra Espanha 2024*, que até finais de novembro trará uma grande diversidade de atividades culturais a vários pontos de Portugal.

A peça escrita por Concha Rodríguez fez um grande sucesso no ano passado no *Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida*, evento que acontece todos os verões na capital da Extremadura, igualmente a antiga capital da Lusitânia, que tem um teatro romano com 2000 anos.

"A receção do público em Mérida foi muito boa. E as críticas também, felizmente. É uma peça teatral que é um grande espetáculo, onde há momentos em que te ris e outros que te fazem pensar também na Humanidade", diz a atriz. "E poder representar ali no Teatro de Mérida é sempre especial para mim, pois há magia naquelas pedras antigas, que nos fazem pensar nos antepassados", nota.

Emma Ozores conta ainda que será a primeira vez que subirá a um palco em Lisboa e que é grande a expectativa com a reação do público português a esta peça em espanhol sobre a temática clássica, mas diz estar confiante de que *El Regalo de Zeus* voltará a ser muito aplaudido. "A obra é genial", sublinha a atriz, convidando a não perder a representação em Lisboa (bilhetes a 10 euros).

"Para a Embaixada de Espanha é uma grande satisfação apresentar em Lisboa a obra *El Regalo de Zeus*, na quinta-feira, no teatro Capitólio. Esta atividade contribui para aproximar os nossos dois países através da Cultura, e fazemo-lo através de uma obra incluída na programação do *Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida*, uma importante referência no panorama cultural europeu", diz Juan Fernández Trigo, o embaixador espanhol em Lisboa. "Considero que esta extensão da programação do *Festival de Mérida* em Portugal é uma magnífica iniciativa, que espero possamos repetir no próximo ano, estabelecendo um novo vínculo entre Espanha e Portugal no âmbito das artes cénicas", acrescenta o diplomata, que agradece ainda à EGEAC ter integrado esta representação da peça espanhola na programação do Capitólio.

Poeta Nuno Júdice homenageado com mural na Mexilhoeira Grande

ALGARVE No âmbito da 10.ª edição da festa *A Nossa Cultura Sai à Rua* será feita uma visita à antiga biblioteca e escritório do escritor na sua casa de família.

A festa popular *A Nossa Cultura Sai à Rua* irá decorrer no dia 21 de setembro na Mexilhoeira Grande, Freguesia de Portimão. O evento vai divulgar os usos e costumes rurais da freguesia com destaque, este ano, para a homenagem ao escritor Nuno Júdice (1949-2024). De acordo com comunicado da organização, a homenagem irá celebrar "o importante legado do escritor mexilhoeirense Nuno Júdice". O início da celebração está marcado para as 16.00 horas onde será inaugurado um mural de homenagem ao escritor e, entre as 17.00 e as 19.00, irá decorrer a iniciativa *Nuno Júdice – Biblioteca e Escritório de Portas abertas* que possibilitará ao público uma visita àquele que foi o seu local de trabalho, na sua casa de família: o escritório e a biblioteca. A casa está localizada frente à Igreja da Misericórdia, na Mexilhoeira Grande.

Ainda de acordo com a organização, a visita permitirá conhecer os locais de trabalho aquando das férias em família de Nuno Júdice e também "várias histórias, memórias e curiosidades acerca da sua vida e obra serão apresentadas os visitantes e pelos recantos das várias salas".

Durante o dia, a festa *A Nossa Cultura sai à Rua* incluirá dois momentos dirigidos à Natureza autóctone da freguesia: a realização de um passeio pelo Património Natural e Vida Selvagem da Ria de Alvor; e uma caminhada sensorial – um passeio pedestre, de cerca de três quilómetros, pelo interior rural da zona de Alcalar. "O passeio propõe pensar articuladamente p património natural e cultural e será enriquecido pela proposta artística que nele se encerra", explica a organização.

Ao longo da 10.ª edição desta festa popular, serão diversos os momentos performativos, com o objetivo de estimular "o público a interagir e a conhecer práticas sustentáveis utilizadas no meio rural". No âmbito do projeto *Rota da Dieta Mediterrânica*, que pretende apoiar os municípios e os seus operadores económicos a estruturar uma oferta turística durante a época baixa, decorrerá uma demonstração gastronómica "inspirada nos sabores antigos, mas com alguns toques de modernidade", pelo *chef* Rui Palma. Haverá ainda oficinas de experimentação sobre alguns ofícios locais, como a arte de trabalhar a cortiça para fazer um "cucharrinho" (pequena colher).

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS
Nuno Júdice (1949-2024) fotografado para o DN em 2022.

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Mia Couto

A atribuição do Prémio da Feira Internacional do Livro de Guadalajara a Mia Couto corresponde ao reconhecimento da importância da língua portuguesa como realidade multipolar, enquanto língua universal de várias culturas. Elogiando o fecundo ensaísta que foi o embaixador Alberto da Costa e Silva, o escritor moçambicano agora laureado salientou a grande capacidade do académico brasileiro para compreender a memória de África e um persistente trabalho de resgate baseado na relação complexa assente na diversidade.

Mia Couto é hoje um intérprete imaginativo da língua viva que partilhamos, capaz de ouvir e de compreender o que dizemos por forma a usar a plasticidade do idioma para aprender melhor a realidade que construímos e que nos cerca. Ao lado de João Guimarães Rosa, a recriação vocabular de Mia Couto permite-nos entrar no "falar errado do povo, língua certa do povo", que Manuel Bandeira sempre procurou. E as palavras ecoam e progridem: *pensatempos*, estórias *abensonhadas*, recusa do *queixandar*. O reino inesgotável da imaginação.

Mia Couto é o quinto autor de língua portuguesa a receber este prémio, depois de Nelida Piñon (1995), Rubem Fonseca (2003), António Lobo Antunes (2008) e Lídia Jorge (2020). A sua obra é a ilustração do que um dia afirmou: "As culturas sobrevivem enquanto se mantiverem produtivas, enquanto forem sujeito de mudança e elas próprias dialogarem e se miscigenarem com outras culturas."

E qual a responsabilidade do escritor? "Para com a democracia e com os Direitos Humanos, é toda." Porque o compromisso maior do escritor é com a verdade e com a liberdade. "Para combater pela verdade, o escritor usa uma inverdade: a da literatura. Mas essa é uma mentira que não mente." E disse-nos ainda: "O único conselho que dou é este: devemos escutar. Tornarmo-nos atentos a vozes que fomos encorajados a deixar de ouvir. Tornemos essas vozes visíveis. E mantenhamos viva essa capacidade que já tivemos na nossa infância de nos deslumbrarmos. Por coisas simples, que se localizam na margem dos grandes feitos (…). O que importa do ponto de vista do escritor é a capacidade que essa personagem tem de suscitar história e de nos revelar facetas da nossa própria Humanidade."

> **Mia Couto é hoje um intérprete imaginativo da língua viva que partilhamos."**

Leia-se uma obra riquíssima, como há poucas: *Terra Sonâmbula, Mar me Quer, O Último Voo do Flamingo, Um Rio Chamado Tempo e Uma Casa Chamada Terra*, ou a trilogia *Mulheres de Cinzas, A Espada e a Azagaia, O Bebedor de Horizontes*.

A história antiga deve ser recordada. É tão vital errarmos como acertarmos. Mergulharmos nas origens permite-nos ver melhor o caminho a percorrer. E *O Mapeador de Ausências* trouxe-nos de volta um tempo de memórias duras e trágicas a que devemos sempre regressar para que se não repitam. Mais do que ressentimento, importa a lembrança das palavras que é uma sementeira de vida e de esperança. E voltamos a ouvir as personagens fundamentais de *Grande Sertão – Veredas* de Guimarães Rosa – Riobaldo e Diadorim – "Porque sertão é dentro da gente" ou "Deus existe mesmo quando não há e o demónio não precisa de existir para haver".

Aguardamos por estes dias o novo romance de Mia Couto *A Cegueira do Rio* e ouvimo-lo: "Assusta-me este medo que existe hoje da complexidade; que andemos à procura de milagres messiânicos para salvar o mundo"… Eis um ponto fundamental que temos de ter bem presente no tempo incerto que vivemos.

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Opinião
Luís Castro Mendes

Portugal é Europa

Na imagem que nos foi transmitida por séculos de educação republicana e estado-novista, Portugal, conforme as teses do professor Borges de Macedo, retomadas pelo embaixador Franco Nogueira, só poderia ser grande e verdadeiramente independente através da sua dimensão colonial, que o projetava no mundo como grande potência, visível nos mapas, mais do que na realidade.

Quer a República quer o Estado Novo acreditavam nessa projeção de Portugal no mundo, que era uma miragem de feliz contemplação nos mapas intitulados "Portugal não é um país pequeno".

O estímulo dos levantamentos armados dos movimentos independentistas, a partir dos Anos 60 do século passado, para além de nos levar a uma guerra sem saída, determinou uma maior atenção às Colónias Africanas e programas de desenvolvimento e aproveitamento de recursos, que iam já muito além do extrativismo primário dos anos anteriores, inserindo-se numa perspetiva mais moderna, mas não menos injusta e desumana.

Enquanto se desmoronava esse império colonial, que o regime da época continuava a teimosamente considerar a garantia da nossa independência "orgulhosamente só", outros setores, mais conscientes, da nossa elite económica compreendiam que o nosso verdadeiro ponto de inserção no mundo era a Europa (eram os "europeístas", que se contrapunham aos "africanistas") e, por outro lado, os nossos trabalhadores, arriscando a prisão por "emigração clandestina", fugiam para uma Europa em reconstrução, que lhes dava trabalho, melhores salários e perspetivas de futuro que a nossa sociedade não dava.

A recusa de qualquer compromisso que negasse a gloriosa e imutável imagem imperial bloqueou a possibilidade de negociação com os independentistas e tudo acabou, ao fim de 13 anos de guerras sem saída, pela sensata decisão dos militares, que os levou a libertar Portugal da opereta parafascista montada em 1933.

Entretanto, os nossos emigrantes na Europa progrediam nos seus rendimentos (que lhes permitiam enviar para a pátria divisas bem necessárias na altura) e a sua posição nas sociedades europeias, que os desprezaram durante muitos anos, mudava também.

Na altura, muitos receámos a opção europeia. A nossa frágil economia aguentaria? Forçoso é hoje reconhecermos que era Mário Soares que tinha razão ao trazer "a Europa connosco".

A Europa desse tempo assentava num compromisso entre democratas cristãos, liberais e sociais-democratas, que, por muito capitalista que fosse, defendia o Estado Social no quadro de um Estado social de direito, e propugnava políticas de coesão que reforçassem a solidariedade europeia.

Com a viragem do liberalismo para uma política clara de confronto de classes, redução dos direitos e dos rendimentos dos trabalhadores e predomínio do capital financeiro sobre o capital produtivo, viragem que, de crise financeira em crise financeira, veio dominar a União Europeia e foi dominante entre nós com o Governo da *troika*, face a essa viragem a social democracia teve de enfrentar essas políticas. Fê-lo, valha a verdade, com maior ou menor determinação: primeiro rendida e submetida à Terceira Via, ultimamente mais atenta por fim ao que as sociedades reclamam. Essas políticas qualificavam-se de "austeridade expansiva", audaz oxímoro que até os seus defensores acabaram por entender, ensinados pela dura realidade, que tinha sido nefasto e contraproducente.

Através de todos estes seus avatares, a Europa continua a ser o nosso principal ponto de ligação ao mundo e o lugar onde melhor podemos fazer ouvir a nossa voz. E, num mundo em imprevisível mudança e com crescente ameaça de subida dos níveis de violência nas guerras que proliferam e nas ameaças que se perfilam, isso não é pouca coisa. Mesmo que consideremos "poucochinha" a posição atual da Europa no mundo…

Diplomata e escritor

Polestar 4: Um SUV *coupé* elétrico naturalmente estradista

AUTOMÓVEL Apresentado como um SUV *Coupé*, o Polestar 4 tem as dimensões e caraterísticas de um SUV, mas o aspeto de um *coupé*.

TEXTO **JORGE MONTEZ**, MOTOR24

Chega finalmente às estradas portuguesas o Polestar 4, um SUV *Coupé* que é um estradista por excelência, pelo conforto e autonomia, e que suscitou interesse por ser o primeiro automóvel de passageiros sem vidro traseiro.

100% elétrico, como todos os modelos da marca de origem sueca, o Polestar 4 é proposto em duas versões, ambas com denominação Long Range. A de motor único de tração traseira debita 200kW de potência, enquanto a versão *Dual Motor* tem o dobro da potência, nada menos do que 400kW (536cv).

O Polestar 4 *Single Motor* tem um binário de 343Nm, enquanto na versão *Dual Motor* dobra para 686Nm, graças um motor montado em cada eixo. Números que estão bem patentes no tempo que os automóveis demoram a chegar dos 0 aos 100km/h: a versão *Single* demora 7,1 segundos e a versão *Dual Motor* atinge os 100km/h em apenas 3,8 segundos. Nada mal para automóveis que pesam mais de duas toneladas.

Tivemos a oportunidade de conduzir o Polestar 4. Mesmo a velocidades mais altas, o Polestar 4 continua a agarrar-se à estrada, graças ao seu centro de gravidade muito baixo. As duas versões do Polestar 4 têm como velocidade máxima os 200km/h.

A marca anuncia uma autonomia WTLP – singla inglesa para Procedimento Mundial Harmonizado de Teste para Veículos Ligeiros – de até 620km com o Long Range *Single Motor* e de até 590km com a versão *Dual Motor*. Sem preocupações, fizemos qualquer coisa como 200 quilómetros num Polestar 4 Long Range *Dual Motor*, com uma bateria de 100kWh a alimentar um motor de 400kW, e chegámos ao final com 62% da bateria.

Fizemos o percurso sem pensar no consumo. Quer isto dizer que o ar condicionado esteve sempre ligado, a uma média de 120/130km/h na autoestrada. Parte do percurso foi em montanha, o que permitiu a regeneração da carga em 1%.

No regresso, o veículo utilizado foi o Polestar 2 Long Range *Single Motor*, e as condições as mesmas, mas o percurso foi todo feito em autoestrada. Chegámos ao destino com 26% da bateria após 400 quilómetros. O Polestar 4 é um automóvel bonito, de linhas fluidas, que exala conforto. Os bancos possuem afinação fina para encontrar a posição certa. Os materiais de alta qualidade são muito agradáveis ao toque e de aspeto durável.

Em andamento, a insonorização é quase total. Continuamos a ouvir o que nos rodeia, mas parece que o Polestar 4 não existe. É quase como se estivéssemos dentro de uns auscultadores com cancelamento de ruído.

Os bancos traseiros são espaçosos, cómodos e reclináveis. O espaço para as pernas está ao nível das melhores berlinas.

No exterior, a marca destaca o farol dianteiro que mantém a assinatura martelo de Thor da Volvo (onde estão as origens da Polestar), mas que neste modelo foi conseguida com dois faróis bipartidos.

> O Polestar 4 é o primeiro automóvel de passageiros sem vidro traseiro, o que se passa atrás do veículo é transmitido através de uma câmara para o retrovisor.

Este é o primeiro automóvel de passageiros sem vidro traseiro e com uma câmara a transmitir para o retrovisor. A ausência do vidro traseiro não choca visualmente. Bem pelo contrário, o Polestar 4 é um automóvel elegante.

Um SUV *coupé*?

O Polestar 4 é apresentado como sendo um SUV *Coupé*. Tem as dimensões e características de um SUV, mas o aspeto de um *coupé*. E isto foi conseguido porque o pilar foi deslocado para a traseira dos bancos da segunda fila. Ao fazerem isto, os *designers* conseguiram ganhar altura para os passageiros, mas não sobrou espaço para o vidro e resolveram que o melhor era substituí-lo por uma câmara traseira.

São já vários os modelos que oferecem a imagem de câmaras no retrovisor, mas este é o primeiro em que não há outra solução. A equipa da Polestar disse-nos que precisaríamos de alguns dias para nos habituarmos à imagem da câmara no retrovisor.

É verdade que se tem uma visão muito melhor do que se passa atrás de nós com a imagem da câmara. Não há todo o habitáculo a acrescentar camadas de informação. Mas sentimos problemas de adaptação. Talvez por o retrovisor estar colocado muito perto da nossa cabeça, tínhamos de focar a vista para termos uma imagem nítida. Além de que, dequando em vez, a imagem como que dá um salto, ajustando a lente. Ficamos assim sem termos certezas quanto à distância a que estão os veículos.

O Polestar 4 dispõe de condução autónoma de nível 2, que permite a mudança de faixa, e liga os quatro piscas encostando à berma se algo acontece ao condutor. Um sistema que foi testado na viagem de regresso a Madrid.

Está equipado com um ecrã de 15,4 polegadas montado na horizontal e é o primeiro da marca com o sistema operativo Android Automotive. Além do ecrã principal, o Polestar 4 tem um painel de instrumentos com as principais informações para a condução atrás do volante e ainda um *head-up display*. No ecrã, é possível fazer uma miríade de ajustes à condução, desde o nível de resistência do pedal até ao tipo de suspensão ou de resposta do volante, entre outros.

As primeiras impressões sobre o Polestar 4 são francamente positivas. Estamos na presença de um automóvel elétrico que é um estradista de excelência, com boa dose de autonomia e um conforto superlativo.

O Polestar 4 Long Range *Single Motor* está à venda a partir de 66 700€ e o Polestar 4 Long Range *Dual Motor* é comercializado a partir de 73 700€. Às versões de série, a marca propõe os *packs Performance*, *Pilot*, *Pro* e *Plus*.

O Polestar 4 mantém o painel de instrumentos, os faróis em martelo de Thor da Volvo e é o primeiro sem vidro traseiro.

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

AVIAÇÃO PORTUGUESA

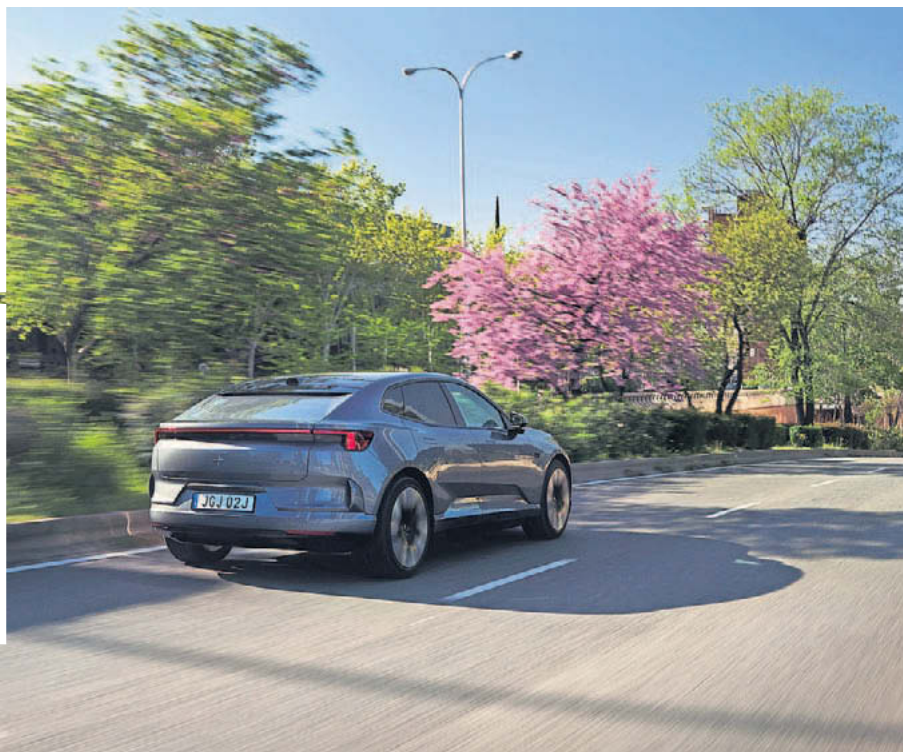
AVIAÇÃO AMERICANA

AS OBRAS de Tito Livio agora descobertas

A REUNIÃO de ontem da Associação Comercial

O ITINERARIO DA VIAGEM DE CIRCUNNAVEGAÇÃO AEREA TRAÇADO PELOS HEROIS DA TRAVESSIA DO ATLANTICO

A GUERRA em Marrocos

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 17 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

Propriedade e Tipografia da Empresa Diario de Noticias

O ITINERARIO DA VIAGEM DE CIRCUNNAVEGAÇÃO AEREA TRAÇADO PELOS HEROIS DA TRAVESSIA DO ATLANTICO

A REUNIÃO
de ontem da Associação Comercial

Diversos oradores criticam as ultimas medidas fiscais

Decorreu bastante animada a sessão extraordinaria da Associação Comercial de Lisboa, que, como noticiámos, ontem se realizou, a fim de serem discutidas as ultimas medidas promulgadas pelo governo, na parte em que vêm afectar, na opinião daquela colectividade, o comercio nacional.

Presidiu o sr. Abel Pereira da Fonseca, secretariado pelos srs. Carlos de Oliveira e João Pereira da Rosa, tendo usado em primeiro lugar da palavra o sr. Mosés Amzalack, que expôs os fins da reunião.

O orador começou por dizer que constatava com pesar o facto de as diligencias efectuadas pela direcção daquela colectividade junto do governo, com o fim de melhorar a pessima situação em que se encontra o comercio, terem resultado infrutiferas. Em virtude das reclamações formuladas não terem obtido os resultados que se esperava, a direcção só tem um caminho a seguir: ouvir a opinião daquela assembleia e pautar por essa opinião a sua linha de conduta.

Falou depois o sr. Antonio Bastos, que apresentou e justificou uma proposta em que se louva os parlamentares e a imprensa monarquica, por ser quem mais se tem interessado pela expansão do comercio e industria nacionais.

Esta proposta levantou bastante borborinho na assembleia, que se dividiu em dois campos, ouvindo-se nesta altura alguns gritos de «abaixo a politica».

O sr. Alfredo Ferreira, que falou a seguir, começou por lamentar o incidente que acabava de se dar, porquanto é sua opinião que a politica se deve encontrar sempre afastada de colectividades daquela natureza.

Passando a referir-se á ordem dos trabalhos, o orador analisou as ultimas medidas do governo, para chegar á conclusão de que aquela associação acordou tarde para um movimento de emancipação e engrandecimento comercial. Se esse movimento se tivesse iniciado ha quatro ou cinco anos, o comercio não teria nunca chegado ás tristissimas condições em que se encontra.

Prosseguindo, o orador afirmou que o despreso dos ultimos governos pela industria e pelo comercio é tão grande, que estas duas forças, que, em qualquer outro país, são, por assim dizer, sustentaculos da nacionalidade, entre nós quasi têm de viver do auxilio mutuo. E é neste momento em que a economia nacional agoniza—afirma o orador—que se pensa na actualização dos impostos.

Uma moção

O sr. Alfredo Ferreira critica depois asperamente as leis do selo e importação de automoveis, que considera contraproducentes, e que, em sua opinião, revelam bem o estado em que se debatem as esferas superiores.

O orador, que terminou o seu discurso por afirmar que chegou o momento de dizer a todos—governantes e governados—que o caminho a seguir é outro, apresentou a seguinte moção:

A Associação Comercial de Lisboa, compenetrada dos deveres que lhe incumbe em presença da grave situação que o país atravessa, mercê dos erros da administração publica a que urge pôr termo;

Analisando os assuntos dados para discussão da ordem da noite, reconhece serem apenas uma consequencia natural da razão apontada e logica resultante da incompetencia dos nossos governantes e legisladores;

Verificando ao mesmo tempo que, sobre as forças economicas responsabilidades grandes impendem, pela apatia em que se vêm conservando, indiferentes aos desmandos do poder e á desordem da rua, que, com a diminuição do credito, trouxeram á classe e ao país um caudal de dificuldades que ameaçam subverter a economia nacional e o bom nome da nação;

Reconhecendo que os processos de reclamação até hoje seguidos junto do Parlamento e governos, têm sido improficuos e negadas até por vezes as boas intenções dos reclamantes, impondo-se que as forças economicas, em nome dos seus legitimos interesses e da nação, tratem dos assuntos por forma mais conveniente;

E finalmente, muito convindo não se tomarem nesta assembleia resoluções concretas sobre o caminho a seguir, a assembleia, aplaudindo entusiasticamente o esforço que a direcção vem fazendo em prol da classe e da economia da nação, oferece-lhe o seu mais completo e decidido apoio, conferindo-lhe os mais latos poderes para, por si só ou em conjunto com as suas congeneres e afins promover o que entendam conveniente e a cujas deliberações os componentes desta colectividade afirmam obediencia absoluta.

Usou depois da palavra o sr. José de Matos Garcia, comerciante de tabaco, que relatou todas as diligencias efectuadas pela sua classe junto do governo e do Parlamento para que o acôrdo dos tabacos não fôsse ávante. Por esse acôrdo—declara—os importadores de tabaco são sobrecarregados com tão pesados impostos que, se quiserem auferir alguns lucros, terão que vender aquele produto por preços elevadissimos. Mas como, por outro lado, a Companhia dos Tabacos fica isenta desses impostos, ela tratará imediatamente de adquirir o citado artigo para o vender por preços inferiores. E desta forma, os importadores e retalhistas ver-se-ão obrigados a fechar as suas portas para não morrerem de fome.

O sr. Roque da Fonseca, analisando os varios pontos que constituiam a ordem dos trabalhos, os quais ontem publicámos, afirmou que, devido ás medidas governativas, o nosso credito comercial está tão abalado, que ha casas estrangeiras que não querem transaccionar com as nossas—só porque somos portugueses.

Referindo-se á lei que proibe a importação de automoveis por os considerar artigos de luxo, o orador pregunta porque, se de facto são artigos de luxo, os não dispensam os ministros.

A policia aconselha a direcção da A. C. L. a mudar de atitude, sob pena de ser posta na fronteira

Usou depois da palavra o sr. João Pereira da Rosa. Depois de relatar os esforços empregados pela direcção da Associação no sentido de se melhorarem as condições do nosso comercio, o orador analisou detalhadamente as medidas fiscais dos ultimos governos, especialmente dos ministros que têm sobraçado a pasta das Finanças. Regista com prazer o facto de, no actual governo, nem todos os elementos serem incompetentes.

Continuando, o orador diz que, enquanto nos outros países se nomeiam comissões constituidas por membros das grandes associações economicas, para apreciarem e darem a sua opinião sobre os projectos governamentais antes destes serem apresentados ao Parlamento, entre nós, não só se não faz isso, mas até se tenta, por todas as formas, amesquinhar e aniquilar aqueles que concorrem com o seu esforço e com a sua inteligencia para o desenvolvimento da riqueza publica.

Abordando a questão dos tabacos, o sr. Pereira da Rosa pregunta porque razão o governo prosseguiu nesse contrato. Quem paga a final os 40 mil contos que a Companhia dos Tabacos deve ao Estado—exclama o orador—são os consumidores, porque é a estes que ela vai buscar esse dinheiro, por assim lho permitir o acôrdo efectuado.

O sr. Pereira da Rosa fala depois do pavor que aquela associação está causando aos governos. E a proposito cita o seguinte facto, que declara inédito: O director da Policia de Investigação chamando ha dias ao seu gabinete a direcção daquela colectividade, convidou-a a mudar de atitude, sob pena de ser posta na fronteira. As ameaças, porém, não surtiram efeito, e a campanha da A. C. ha-de continuar. Entretanto, por sua parte, ele declara que se a ameaça do director da Policia de Investigação se realizasse, mesmo da fronteira enviaria um telegrama áquele funcionario, agradecendo-lhe o tê-lo afastado desta miseria moral.

O sr. Pereira da Rosa terminou o seu discurso por afirmar que se o governo não quiser atendê-los, a associação só tem um caminho a seguir: Não trabalhar mais em beneficio da riqueza publica.

Foi em seguida aprovada por aclamação a moção do sr. Alfredo Ferreira, assim como uma proposta do sr. Mosés Amzalack, para que a direcção nomeie de entre os socios uma comissão, para, com ela, trabalhar no interesse do comercio nacional.

ARQUIVO GLOBAL IMAGENS

Governo quer contratar 200 professores reformados

EDUCAÇÃO Contingente para minimizar falta de docentes em alguns grupos de recrutamento e em escolas carenciadas.

O Governo fixou em 200 o número de professores reformados a contratar para minimizar as necessidades temporárias de docentes, indica um despacho ontem publicado em Diário da República.

"É fixado um contingente de recrutamento de 200 docentes aposentados ou reformados a contratar para satisfação de necessidades temporárias de pessoal docente, em grupo de recrutamento deficitário ou em escola carenciada, por ano letivo", refere o despacho que entra em vigor nesta terça-feira e que é assinado pelo ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, e pelo ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre.

De acordo com o decreto-lei que prevê esta medida, os "grupos de recrutamento deficitários" são aqueles em que foi identificada a falta de colocação de docentes na contratação inicial e nas reservas de recrutamento, enquanto as "escolas carenciadas" são as que, no próprio ano letivo e nos dois anos letivos anteriores, se verificou a existência de alunos sem aulas durante, pelo menos, 60 dias consecutivos.

Os docentes reformados que venham a exercer funções letivas mantêm a respetiva pensão de aposentação ou de velhice, acrescida de uma compensação adicional, em função do número de horas letivas atribuídas, indica ainda o diploma.

Com o objetivo de reduzir o número de alunos sem aulas, esta é uma das medidas do plano que o Governo aprovou no verão, denominado "+Aulas, +Sucesso", que prevê também a possibilidade de chamar bolseiros de doutoramento para dar aulas.

O despacho agora publicado refere que estas medidas excecionais e temporárias pretendem dotar os estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário de "pessoal docente e de técnicos especializados necessários à garantia do direito dos alunos à aprendizagem, até 31 de julho de 2028".

Além do plano "+Aulas +Sucesso", o Governo criou um apoio a professores deslocados colocados em escolas para onde é difícil contratar docentes e vai realizar, ainda durante o 1.º período, um novo concurso de vinculação extraordinária para as escolas mais carenciadas.

Cerca de 1,3 milhões de estudantes do 1.º ao 12.º anos começaram as aulas nos últimos dias, num ano letivo em que milhares de alunos voltam a não ter todos os professores.

DN/LUSA

BREVES

Sete candidatos a substituir Bach no COI

O ex-campeão olímpico britânico Sebastian Coe, atual presidente da federação internacional de atletismo (World Athletics) e o espanhol Juan Antonio Samaranch Jr., cujo pai foi presidente do Comité Olímpico Internacional (COI) entre 1980 e 2001, estão entre os candidatos a suceder Thomas Bach à frente do movimento olímpico. Na lista anunciada ontem pelo COI estão ainda o príncipe jordaniano Faisal al Hussein, o britânico Johan Eliasch, o francês David Lappartient, o japonês Morinar Watanabe e a zimbabuana Kirsty Coventry, única mulher. O novo presidente do COI será eleito entre 18 e 21 de março de 2025, em Atenas.

Madrid defende Olivença espanhola

O delegado do Governo de Espanha na região da Exremadura disse ontem que Olivença é espanhola com uma "origem e passados portugueses", a que os seus habitantes "não renunciam". José Luis Quintana, que falava com jornalistas em Badajoz, lembrou ainda - em reação a comentários recentes do ministro da Defesa de Portugal, Nuno Melo - que Portugal e Espanha, ao assinarem os respetivos tratados de adesão à União Europeia, acordaram e reconheceram que "não se podem reclamar os limites de cada país nos tribunais internacionais". Quintana lembrou que há mais de mil pessoas em Olivença com dupla nacionalidade.

Sobe & desce

POR **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

MIA COUTO
Foi já há alguns dias que Mia Couto foi distinguido com o Prémio da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, mas uma crónica hoje no DN por Guilherme d'Oliveira Martins traz nova atualidade quando descreve o escritor moçambicano como sendo "um intérprete imaginativo da língua viva que partilhamos", um português cada vez mais multipolar.

THIERRY BRETON
Ao bater com a porta a poucas semanas de concluir o seu mandato de cinco anos como comissário europeu, Thierry Breton mostrou que nem pessoalmente nem como representante da França poderia aceitar um veto da alemã Ursula von der Leyen à sua recondução. Uma atitude nobre, mas que deixa frágil o eixo Paris--Berlim.

ANA PAULA MARTINS
O SNS celebrou 45 anos e está de parabéns mas nem por isso médicos e enfermeiros desistem de reivindicar melhores condições, ao ponto de irem para greve dias 24 e 25. A ministra da Saúde, Ana Paula Martins, apesar de estar há cinco meses em funções, já é acusada de não ouvir os profissionais, tal como o antecessor.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro, Mafalda Campos Forte **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56761
5 605290 023002